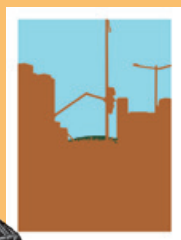


A I
ND
A
Q U E
E
D
U R A
A



VOLUME 1

**A I
ND
A
Q U
E
D
U
R
A
A**

VOL. 1

**Aruan Mattos
Flavia Regaldo**

2019

Este primeiro volume de AINDA QUE DURA apresenta o mapeamento dos pontos na cidade planejada de Belo Horizonte de onde se pode ter as vistas das montanhas. O território abrangido é todo aquele contido pela Avenida do Contorno, e os pontos, por sua vez, se relacionam às vias do pedestre. A quase totalidade das vistas se refere à Serra do Curral, salvo pouquíssimas exceções que se ligam à Serra da Piedade. O mapeamento foi realizado ao longo do ano 2019. As vistas apresentadas são o resultado esquemático de trabalhos realizados em serigrafia a partir de fotografias em lente fixa de 55mm, com exceção daquelas feitas nos viadutos, que foram produzidas em formato panorâmico. Ao todo, são apresentadas 414 vistas. O livro conta ainda com a colaboração dos textos de Elisa Marques e Alessandro Borsagli.

HIATO . 7

VISTAS . 12

BELO HORIZONTE, SUAS SERRAS . 171
E SUAS PEDREIRAS

HIATO

Elisa Marques

Todos os dias atravesso o rio Arrudas.

Por cima do viaduto, vejo as águas lá embaixo.

A cor das águas varia com a luz.

Passo no viaduto duas vezes por dia e lá de cima vejo também a avenida dos Andradas; seu fluxo de carros, em um sentido e em outro. As águas do rio correm sempre para o mesmo sentido.

O número de carros da avenida depende da hora do dia e do dia da semana.

Almoço, fim de expediente, segunda-feira, domingo, férias.

As águas e as pessoas se movimentam, o Arrudas e a Andradas.

Damos nomes e damos formas a esses fluxos.

Definimos limites, damos linha e damos corpo.

Todos os dias a cidade me atravessa.

Em meio aos sons que vibram em meu peito, o calor do asfalto em meus pés,

a grade fria em minha mão, cores e luzes em meus olhos, sou-estou no viaduto.

As águas do rio não têm nunca o mesmo sentido.

Uma tarde caiu uma chuva forte, o rio foi subindo muito rápido pelas paredes de concreto

até que uma imensa onda alaranjada tomou toda a largura da Andradas.

O viaduto ficou coberto de água, soltei as mãos da grade e desci com a correnteza.

Rodopiei naquele vale, enquanto os contornos se diluíam,

não podia mais distinguir os telhados das casas, as copas das árvores, as antenas dos prédios.

Restou no horizonte a linha da Serra do Curral.

A chuva diminuiu e por muito tempo vaguei boiando lentamente até alcançar a crista da montanha.

Lá de cima vi que do outro lado não há nada, é o vazio completo.

A montanha é uma casca fina, que contém a cidade.

Tudo que já estive do outro lado agora está dentro da cidade.

A cidade é feita de montanha.

Mas, depois daquela chuva, a cidade virou um oceano de água mineral.

água dura

pedra dura

gente dura

Passaram-se alguns dias e a água foi baixando.

E a cidade que pouco a pouco despontou mostrou-se como uma superfície única, como se fundida em uma pele contínua, que antes eram os pisos, as fachadas, os limites dos bairros e a própria montanha-moldura.

Mas nada disso ficou estático, as pessoas, as águas, os carros, continuaram com seus movimentos a transformar a todo o tempo o que percebemos, o que somos, onde e quando somos. As formas, os fundos, os conteúdos e os continentes, as pistas e as bordas.

Tornou-se impossível a estabilidade de um ponto. Nessa incrível vertigem, tudo podia ser inventado e nada nunca era.

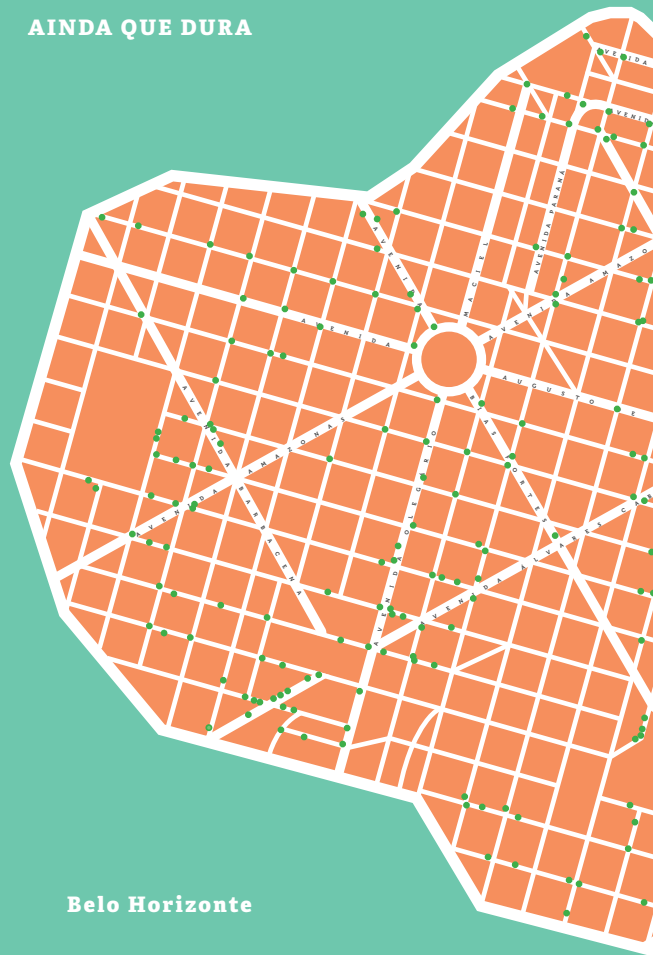
Até que um dia a água esvaiu-se por completo. E a cidade seca foi lentamente rachando sob o sol. Frestas foram então surgindo e delas voltaram a se entrever coisas outras, oposições, contrastes.

E então de novo o viaduto se separou do rio e com ele voltou a existir a distância, que todos os dias eu atravesso.



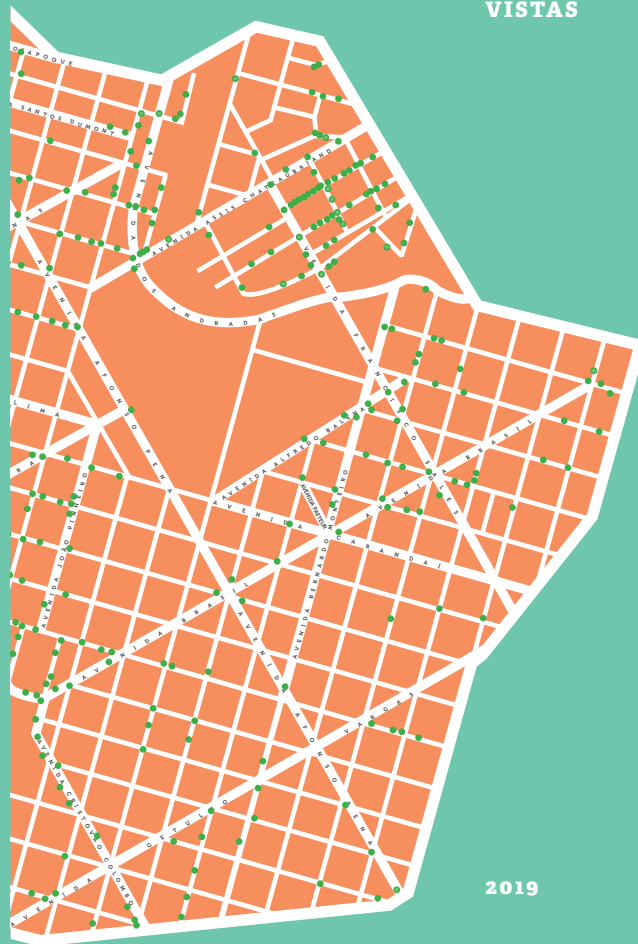
Elisa Marques é arquiteta urbanista. Pesquisadora das águas urbanas, faz mestrado na Escola de Arquitetura da UFMG.

AINDA QUE DURA



Belo Horizonte

VISTAS



2019

ÍNDICE POR ENDEREÇO

20 . 24 . 25 . 26 . 27	Aarão Reis	55 . 56	Ceará
73 . 74 . 110 . 121 . 122 . 129 . 130	Afonso Pena	168	Coelho de Souza
88 . 114 . 115 . 145 . 150	Aimorés	36 . 37	Conselheiro Rocha
57 . 86	Alfredo Balena	83 . 96 . 97	Cristóvão Colombo
103 . 105 . 156 . 157 . 163	Alvarenga Peixoto	102 . 104 . 128 . 131 . 132 . 133 . 138	Curitiba
110 . 111 . 113 . 137 . 164 . 165 . 166 . 167	Álvares Cabral	32	David Campista
56 . 61 . 62	Álvares Maciel	55 . 60 . 61	Domingos Vieira
153 . 156	Amazonas	122	Espírito Santo
21 . 22 . 24 . 27 . 54	Andradas	165 . 168	Felipe dos Santos
98 . 106 . 107	Antônio de Albuquerque	98 . 99 . 107	Fernandes Tourinho
35 . 36 . 45 . 46 . 47	Aquiles Lobo	33 . 34 . 35 . 36 . 52 . 53 . 56 . 66 . 67	Francisco Sales
144 . 158 . 159	Araguari	34	Geraldo Teixeira da Costa
33	Assis Chateaubriand	81 . 99	Getúlio Vargas
110 . 136 . 144 . 149	Augusto de Lima	72 . 78 . 79 . 102 . 117 . 153 . 156 . 162	Gonçalves Dias
20 . 22 . 23 . 24 . 26 . 99 . 111 . 114 . 116 . 117 . 122	Bahia	143 . 144 . 148	Goitacazes
150	Barbacena	62 . 69	Grão Pará
115 . 116 . 139 . 151 . 152	Bernardo Guimarães	21 . 127	Guaicurus
50 . 54 . 69 . 73 . 86	Bernardo Monteiro	110 . 111 . 112 . 136 . 145 . 149	Guajajaras
136 . 137 . 142 . 143	Bias Fortes	73	Inconfidentes
68 . 78 . 87 . 95	Brasil	35 . 37	Itambé
52	Brasópolis	112 . 114 . 116	João Pinheiro
20 . 22 . 127 . 128 . 129	Caetés	41 . 44 . 51	José Pedro Drummond
23 . 24 . 25 . 26	Carijós	151 . 152	Juiz de Fora
		97	Levindo Lopes
		60 . 62	Manaus
		63 . 69 . 72	Maranhão

40 . 41 . 42 . 43 . 44	Marechal Deodoro	21 . 23	Praça Rui Barbosa
157 . 163	Martim de Carvalho	121 . 122 . 130	Praça Sete de Setembro
167	Matias Cardoso	74 . 80 . 81	Professor Moraes
50 . 51 . 53	Mucuri	106 . 120 . 132	Rio de Janeiro
126	Oiapoque	81 . 82 . 86 . 87	Rio Grande do Norte
103 . 127 . 137 . 138 . 139 . 162 . 163 . 165	Olegário Maciel	144	Rio Grande do Sul
63 . 67 . 86	Otoni	157 . 158 . 164	Rodrigues Caldas
54	Ourissanga	102 . 104 . 105 . 138	Santa Catarina
145	Ouro Preto	166	Santos Barreto
62	Padre Marinho	21 . 22 . 129	Santos Dumont
68	Padre Rolim	106 . 107 . 130	São Paulo
149	Paracatu	30 . 34	Sapucaí
131	Paraná	92	Sergipe
79 . 80 . 87	Paraíba	31	Silva Jardim
148	Passarela da Estação do Metrô Carlos Prates	50	Silva Ortiz
126	Passarela da Rodoviária	122 . 131 . 142	Tamoios
127	Paulo de Frontim	30	Teixeira Magalhães
78 . 79 . 80	Pernambuco	156	Tenente Brito Melo
61 . 68 . 69 . 73	Piauí	112 . 113 . 149	Timbiras
104 . 163 . 164	Praça da Assembléia	105 . 106	Tomás Gonzaga
57	Praça Hugo Werneck	73 . 74 . 82 . 95	Tomé de Souza
92 . 93 . 94 . 95 . 117	Praça da Liberdade	23 . 24 . 25 . 120 . 121 . 122	Tupinambás
93	Praça Mendes Júnior	123 . 132 . 142	Tupis
136	Praça Raul Soares	52	Viaduto Francisco Sales
128 . 129	Praça Rio Branco	120 . 121	Viaduto Santa Tereza
		126	Vinte Um de Abril

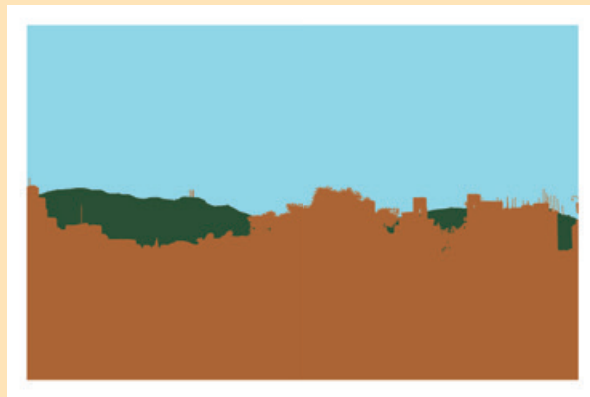
RUA AARÃO REIS . 12A



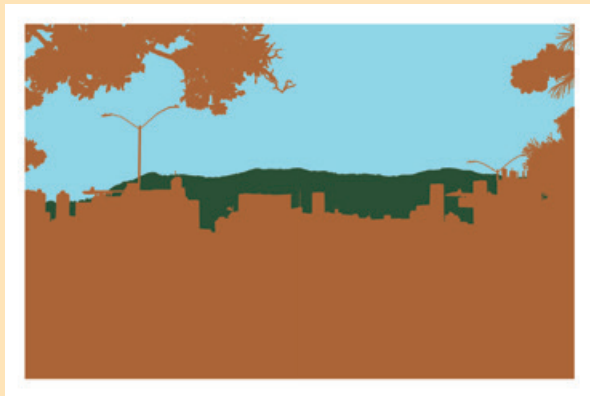
RUA AARÃO REIS . 12B



AV. DOS ANDRADAS . 12A



RUA DA BAHIA . 24F



RUA GUAICURUS . 12A



AV. SANTOS DUMONT . 24B



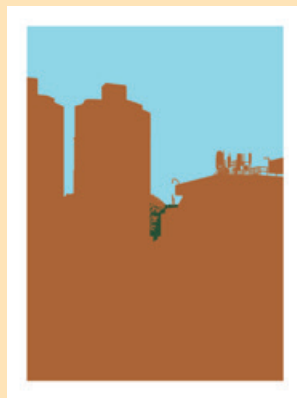
RUA DOS CAETÉS . 24A



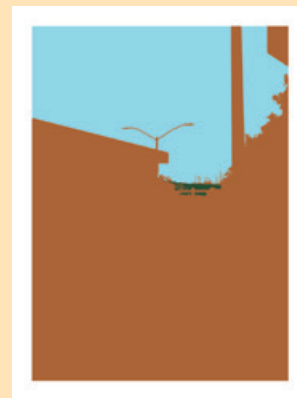
RUA DA BAHIA . 24E



RUA DA BAHIA . 24D



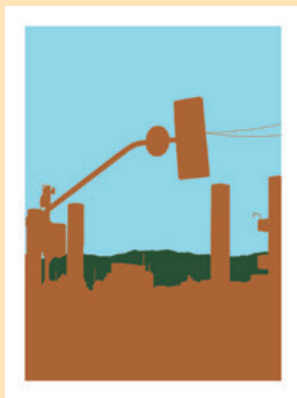
PRAÇA RUI BARBOSA . 29A



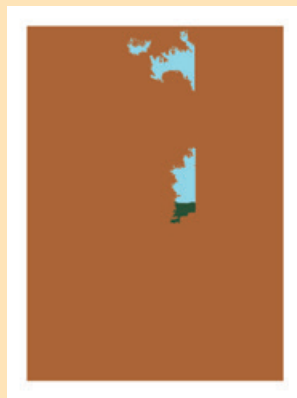
AV. SANTOS DUMONT . 24A



AV. DOS ANDRADAS . 12B



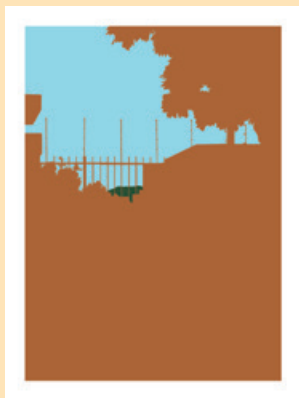
R. DOS TUPINAMBÁS . 29A



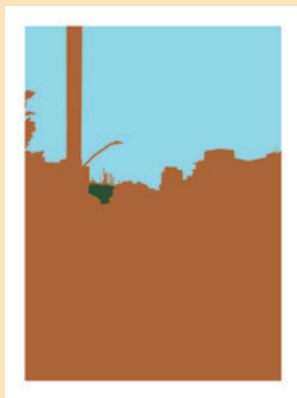
RUA DA BAHIA . 24C



RUA DA BAHIA . 24B



RUA AARÃO REIS . 1



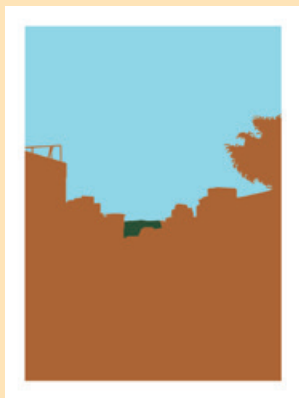
R. DOS TUPINAMBÁS . 12B



RUA DOS CARIJÓS . 12C



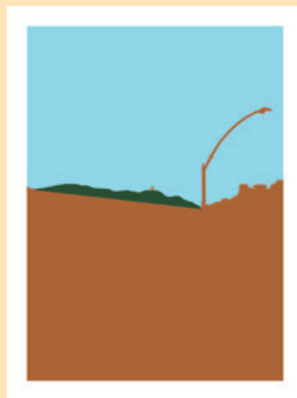
R. DOS TUPINAMBÁS . 12A



AV. DOS ANDRADAS . 12C



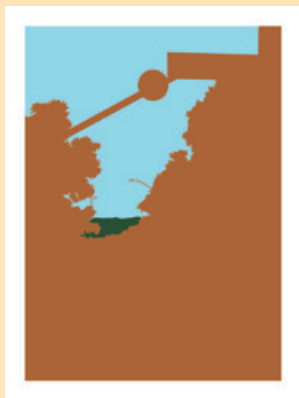
RUA AARÃO REIS . 2



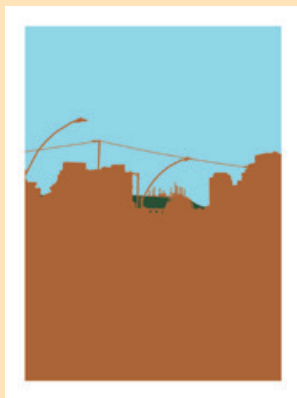
RUA DOS CARIJÓS . 12B



RUA DA BAHIA . 24A



RUA AARÃO REIS . 3



RUA AARÃO REIS . 5



RUA AARÃO REIS . 6



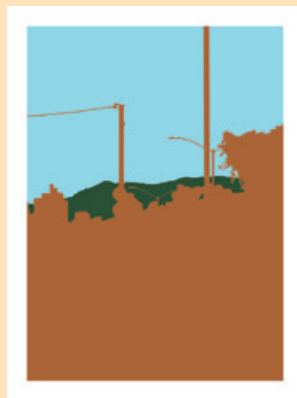
RUA DOS CARIJÓS . 12A



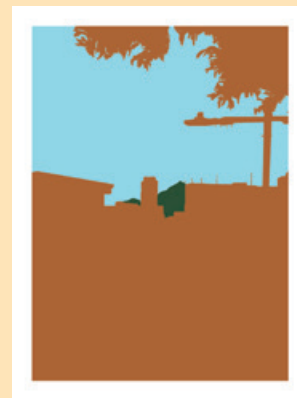
RUA AARÃO REIS . 4



RUA AARÃO REIS . 7



AV. DOS ANDRADAS . 11A



30

- RUA TEIXEIRA MAGALHÃES . 1
- RUA TEIXEIRA MAGALHÃES . 2
- RUA SAPUCAÍ . 1

31

- RUA SILVA JARDIM . 4
- RUA SILVA JARDIM . 1
- RUA SILVA JARDIM . 2_3

32

- RUA DAVID CAMPISTA . 2
- RUA DAVID CAMPISTA . 1
- RUA DAVID CAMPISTA

33

- AV. ASSIS CHATEAUBRIAND . 3
- AV. FRANCISCO SALES . T
- AV. ASSIS CHATEAUBRIAND . 2
- AV. ASSIS CHATEAUBRIAND . 1

34

- AV. FRANCISCO SALES . AC
- AV. FRANCISCO SALES . MD
- RUA GERALDO TEIXEIRA DA COSTA . 1
- RUA SAPUCAÍ . 2

35

- RUA AQUILES LOBO
- AV. FRANCISCO SALES . 4
- RUA ITAMBÉ . 2

36

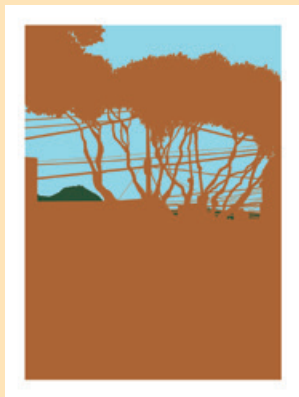
- RUA AQUILES LOBO . 2
- AV. FRANCISCO SALES . 5
- RUA AQUILES LOBO . 1
- RUA CONSELHEIRO ROCHA . 1

37

- RUA CONSELHEIRO ROCHA . 2
- RUA ITAMBÉ . 1



RUA TEIXEIRA MAGALHÃES . 1



RUA TEIXEIRA MAGALHÃES . 2



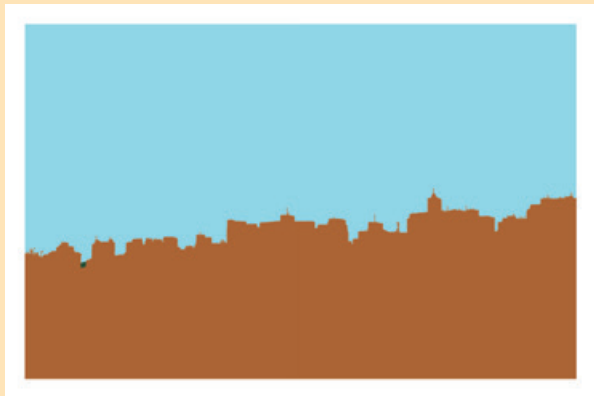
RUA SILVA JARDIM . 4



RUA SILVA JARDIM . 1



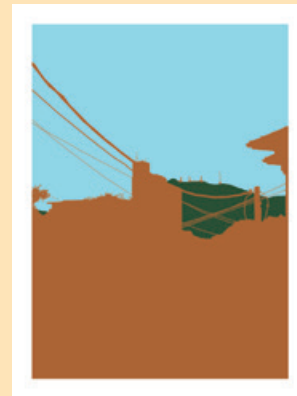
RUA SAPUCAÍ . 1



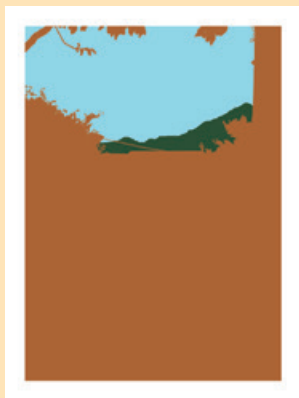
RUA SILVA JARDIM . 3



RUA SILVA JARDIM . 2



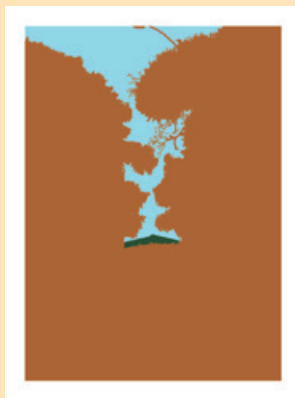
RUA DAVID CAMPISTA . 2



RUA DAVID CAMPISTA . 1



AV. ASSIS CHATEAUBRIAND . 3



AV. FRANCISCO SALES . T



RUA DAVID CAMPISTA



AV. ASSIS CHATEAUBRIAND . 2



AV. ASSIS CHATEAUBRIAND . 1



AV. FRANCISCO SALES . AC



AV. FRANCISCO SALES . MD



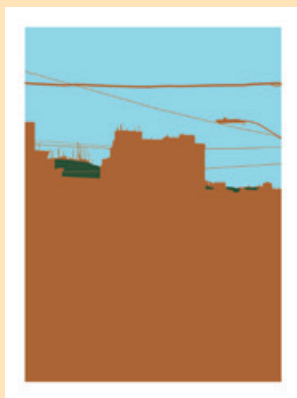
RUA AQUILES LOBO



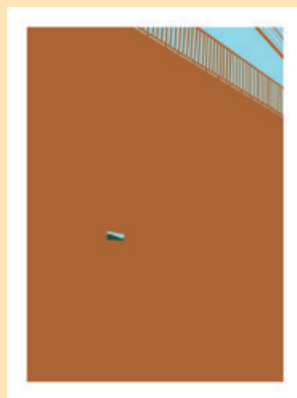
RUA GERALDO
TEIXEIRA DA COSTA . 1



RUA SAPUCAÍ . 2



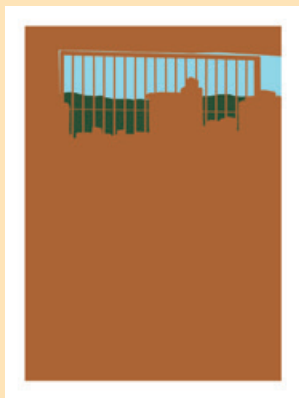
AV. FRANCISCO SALES . 4



RUA ITAMBÉ . 2



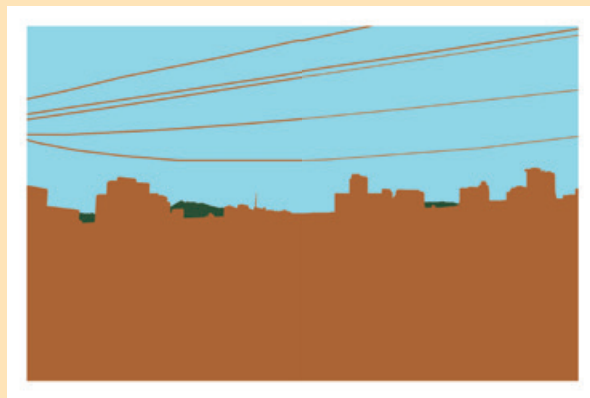
RUA AQUILES LOBO . 2



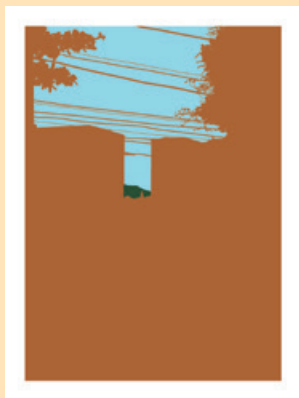
AV. FRANCISCO SALES . 5



RUA CONSELHEIRO ROCHA . 2



RUA AQUILES LOBO . 1



RUA CONSELHEIRO ROCHA . 1



RUA ITAMBÉ . 1



40

- RUA MARECHAL DEODORO . 1
- RUA MARECHAL DEODORO . 2
- RUA MARECHAL DEODORO . 3
- RUA MARECHAL DEODORO . 4

41

- RUA MARECHAL DEODORO . 5
- RUA MARECHAL DEODORO . 6
- RUA MARECHAL DEODORO . 8
- RUA JOSÉ PEDRO DRUMMOND . 1

42

- RUA MARECHAL DEODORO . 7
- RUA MARECHAL DEODORO . 9
- RUA MARECHAL DEODORO . 10

43

- RUA MARECHAL DEODORO . 11
- RUA MARECHAL DEODORO . 12
- RUA MARECHAL DEODORO . 13
- RUA MARECHAL DEODORO . 14

44

- RUA MARECHAL DEODORO . 15
- RUA MARECHAL DEODORO . 16
- RUA JOSÉ PEDRO DRUMMOND . 2

45

- RUA AQUILES LOBO . 7
- RUA AQUILES LOBO . 6
- RUA AQUILES LOBO . 5
- RUA AQUILES LOBO . 4

46

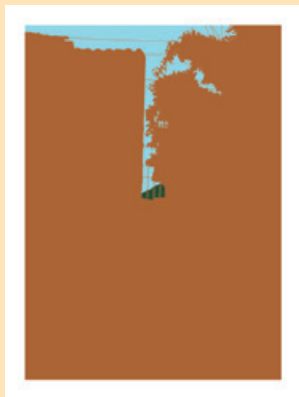
- RUA AQUILES LOBO . 8
- RUA AQUILES LOBO . 9
- RUA AQUILES LOBO . 10

47

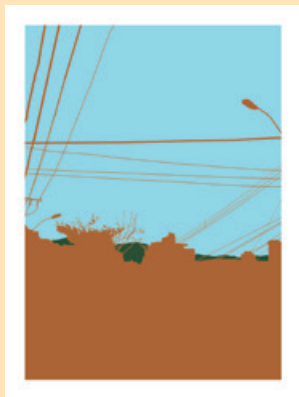
- RUA AQUILES LOBO . 11
- RUA AQUILES LOBO . 12
- RUA AQUILES LOBO . 13_14



RUA MARECHAL DEODORO . 1



RUA MARECHAL DEODORO . 2



RUA MARECHAL DEODORO . 5



RUA MARECHAL DEODORO . 6



RUA MARECHAL DEODORO . 3



RUA MARECHAL DEODORO . 4



RUA MARECHAL DEODORO . 8



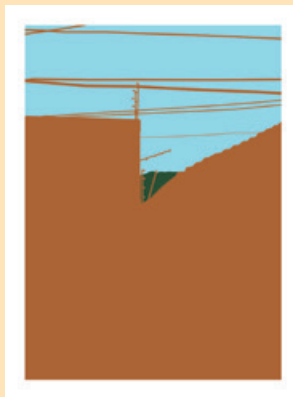
RUA JOSÉ
PEDRO DRUMMOND . 1



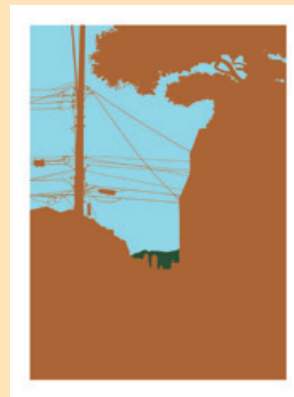
RUA MARECHAL DEODORO . 7



RUA MARECHAL DEODORO . 11



RUA MARECHAL DEODORO . 12



RUA MARECHAL DEODORO . 9



RUA MARECHAL DEODORO . 10



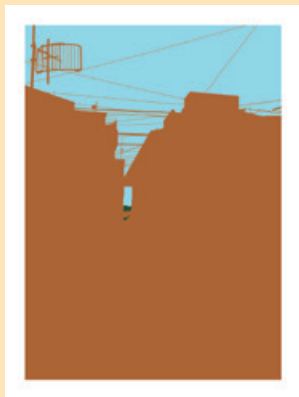
RUA MARECHAL DEODORO . 13



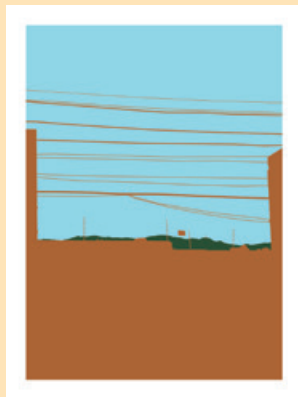
RUA MARECHAL DEODORO . 14



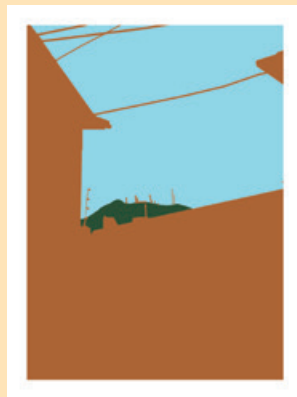
RUA MARECHAL DEODORO . 15



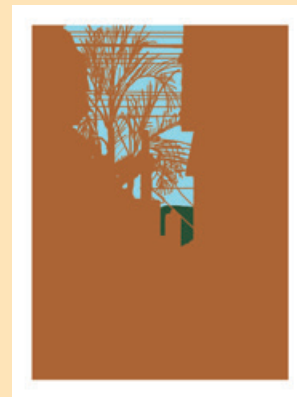
RUA MARECHAL DEODORO . 16



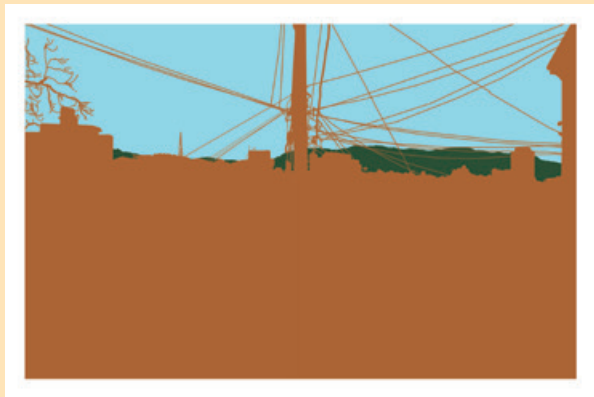
RUA AQUILES LOBO . 7



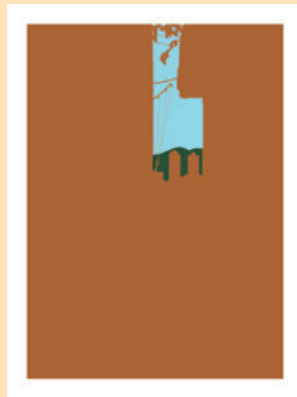
RUA AQUILES LOBO . 6



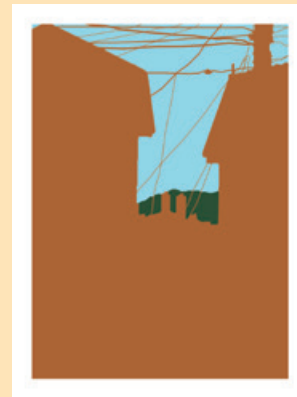
RUA JOSÉ PEDRO DRUMMOND . 2



RUA AQUILES LOBO . 5



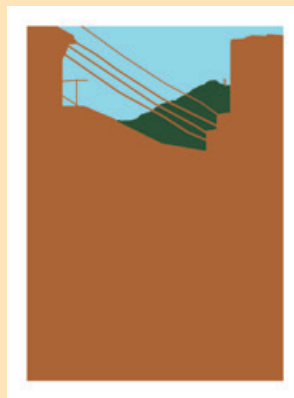
RUA AQUILES LOBO . 4



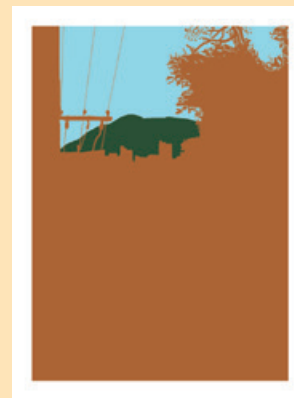
RUA AQUILES LOBO . 8



RUA AQUILES LOBO . 11



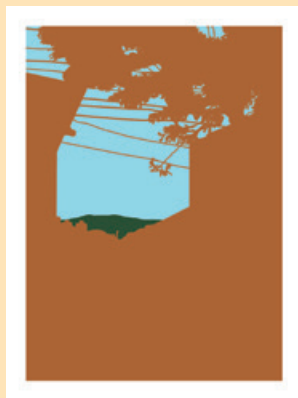
RUA AQUILES LOBO . 12



RUA AQUILES LOBO . 9



RUA AQUILES LOBO . 10



RUA AQUILES LOBO . 13



RUA AQUILES LOBO . 14



50

RUA MUCURI . 4
RUA SILVA ORTIZ . 1
AV. BERNARDO MONTEIRO
AV. BERNARDO MONTEIRO . 2A

51

RUA JOSÉ PEDRO DRUMMOND . 3
RUA JOSÉ PEDRO DRUMMOND . 4
RUA MUCURI . 1

52

RUA BRASÓPOLIS . 1
RUA BRASÓPOLIS . 2
VIADUTO FRANCISCO SALES

53

RUA MUCURI . 2
RUA MUCURI . 3

54

RUA OURISSANGA
AV. DOS ANDRADAS . 12D
AV. BERNARDO MONTEIRO . 1

55

RUA DOMINGOS VIEIRA . 7
RUA DOMINGOS VIEIRA . 6
RUA DOMINGOS VIEIRA . 5
RUA CEARÁ . 2

56

RUA CEARÁ . 1
RUA ÁLVARES MACIEL . 1
AV. FRANCISCO SALES . PHW
AV. FRANCISCO SALES . AB

57

AV. ALFREDO BALENA . 2
PRAÇA HUGO WERNECK . 1
AV. ALFREDO BALENA . 12A
AV. ALFREDO BALENA . 1



RUA MUCURI . 4



RUA SILVA ORTIZ . 1



RUA JOSÉ PEDRO
DRUMMOND . 3



RUA MUCURI . 1



RUA BERNARDO MONTEIRO



RUA BERNARDO MONTEIRO . 2A



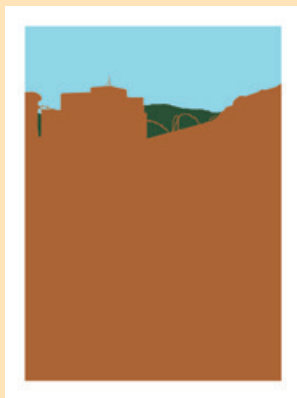
RUA JOSÉ PEDRO DRUMMOND . 4



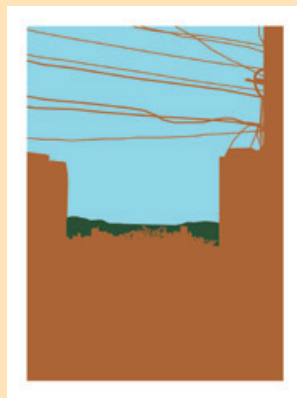
RUA BRASÓPOLIS . 1



RUA BRASÓPOLIS . 2



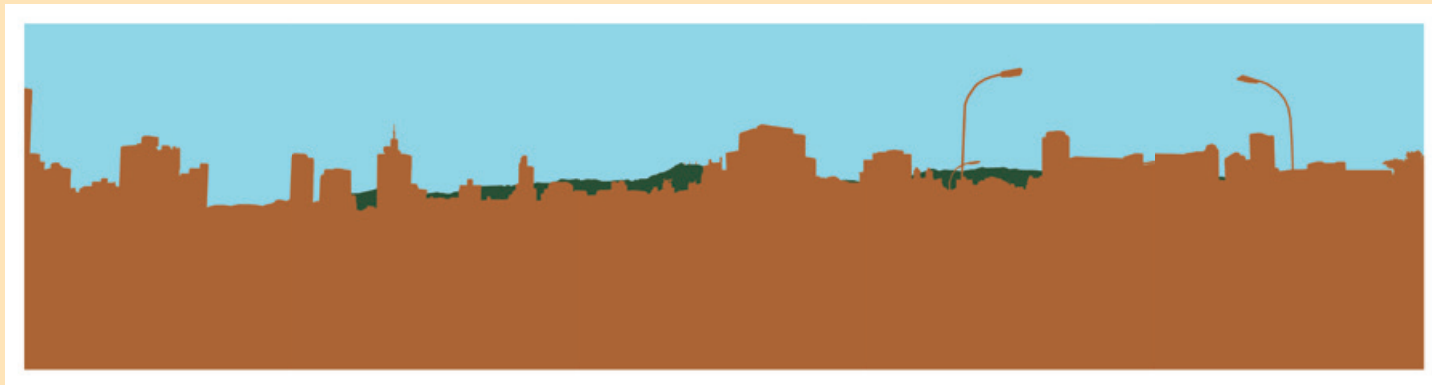
RUA MUCURI . 2



RUA MUCURI . 3



VIADUTO FRANCISCO SALES



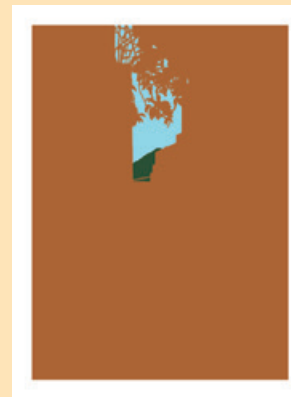
RUA OURISSANGA



RUA DOMINGOS VIEIRA . 7



RUA DOMINGOS VIEIRA . 6



AV. DOS ANDRADAS . 12D



RUA BERNARDO MONTEIRO . 1



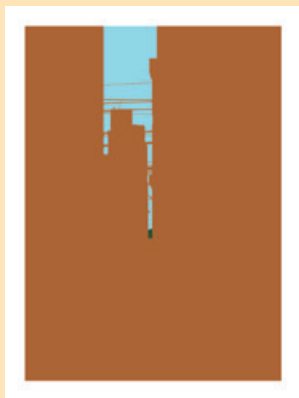
RUA DOMINGOS VIEIRA . 5



RUA CEARÁ . 2



RUA CEARÁ . 1



RUA ÁLVARES MACIEL . 1



AV. ALFREDO BALENA . 2



PRAÇA HUGO WERNECK . 1



AV. FRANCISCO SALES . PHW



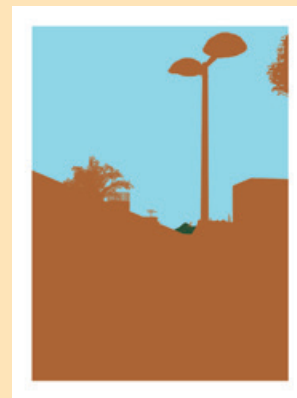
AV. FRANCISCO SALES . AB



AV. ALFREDO BALENA . 12A



AV. ALFREDO BALENA . 1



60

- RUA MANAUS . 1
- RUA DOMINGOS VIEIRA . M
- RUA DOMINGOS VIEIRA . 2

61

- RUA PIAUÍ . 1
- RUA DOMINGOS VIEIRA . 3
- RUA ÁLVARES MACIEL . 2
- RUA ÁLVARES MACIEL . 3

62

- RUA ÁLVARES MACIEL . 4
- RUA MANAUS . 2
- RUA PADRE MARINHO . 1
- RUA GRÃO PARÁ . 1

63

- RUA MARANHÃO . 2
- RUA MARANHÃO . 1
- RUA DOS OTONI . 1
- RUA DOS OTONI . 3



RUA MANAUS . 1



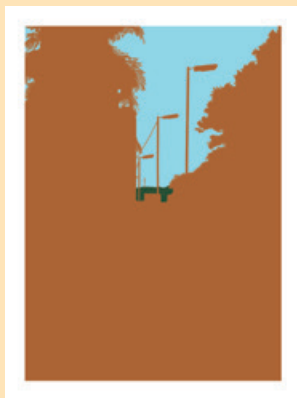
RUA PIAUÍ . 1



RUA ÁLVARES MACIEL . 2



RUA DOMINGOS VIEIRA . M



RUA DOMINGOS VIEIRA . 2



RUA DOMINGOS VIEIRA . 3



RUA ÁLVARES MACIEL . 3



RUA ÁLVARES MACIEL . 4



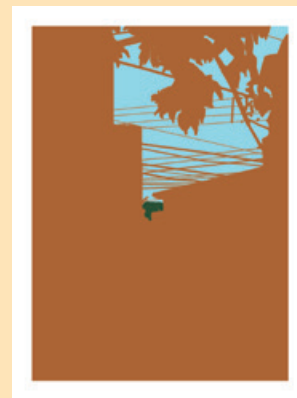
RUA MANAUS . 2



RUA MARANHÃO . 2



RUA MARANHÃO . 1



RUA PADRE MARINHO . 1



RUA GRÃO PARÁ . 1



RUA DOS OTONI



RUA DOS OTONI . 3



66

- AV. FRANCISCO SALES . CE ●
- AV. FRANCISCO SALES . A_AB ●
- AV. FRANCISCO SALES . BR ●

67

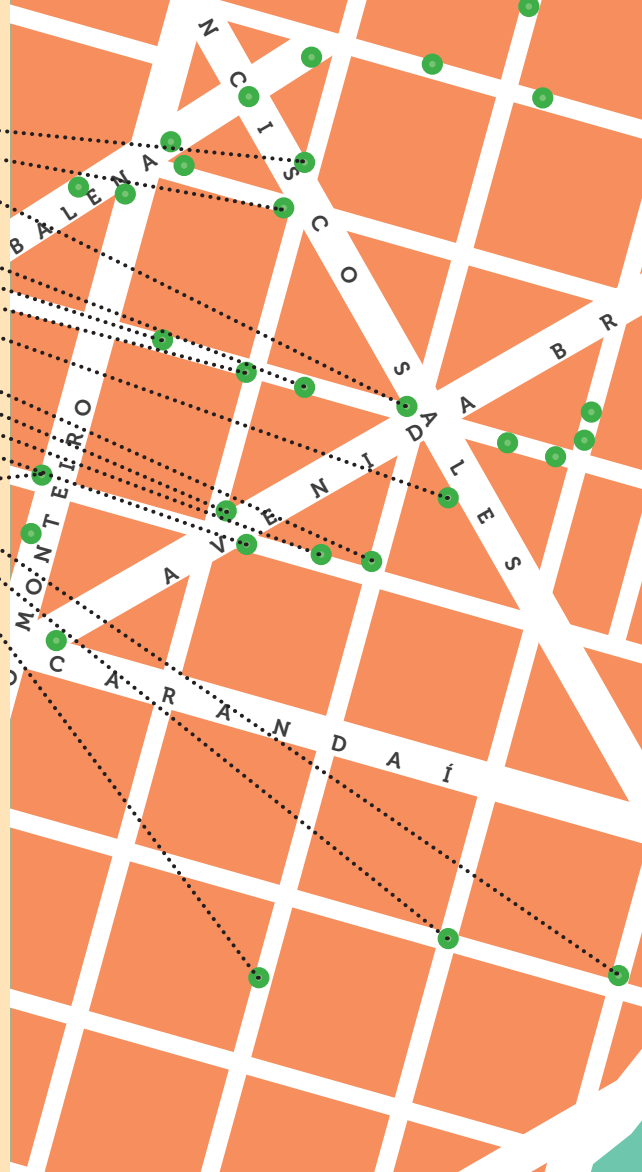
- RUA DOS OTONI . 5 ●
- RUA DOS OTONI . 6 ●
- RUA DOS OTONI . 4 ●
- AV. FRANCISCO SALES . B ●

68

- RUA PIAUÍ . 2 ●
- AV. BRASIL . 4 ●
- RUA PADRE ROLIM . 2 ●
- AV. BRASIL . 3 ●

69

- AV. BERNARDO MONTEIRO . 2 ●
- RUA GRÃO PARÁ . B ●
- RUA MARANHÃO . 4 ●
- RUA PIAUÍ . 3 ●



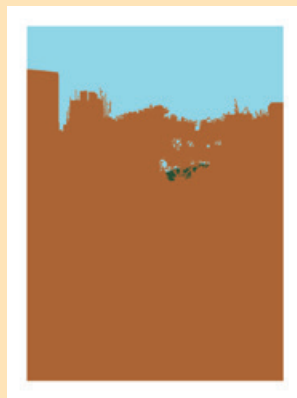
AV. FRANCISCO SALES . CE



AV. FRANCISCO SALES . A



RUA DOS OTONI . 5



RUA DOS OTONI . 6



AV. FRANCISCO SALES . AB



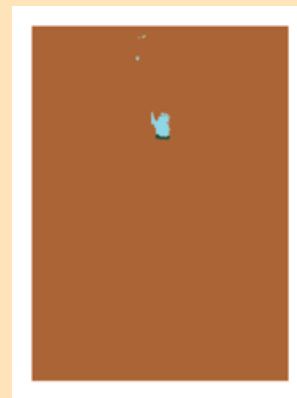
AV. FRANCISCO SALES . BR



RUA DOS OTONI . 4



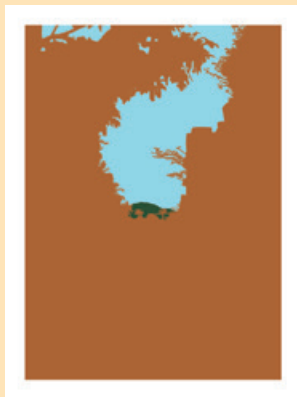
AV. FRANCISCO SALES . B



RUA PIAUÍ . 2



AV. BRASIL . 4



AV. BERNARDO MONTEIRO . 2



RUA GRÃO PARÁ . B



AV. BRASIL . 3



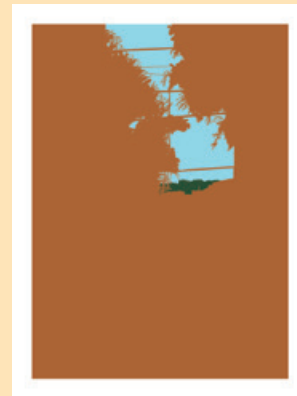
RUA PADRE ROLIM . 2



RUA MARANHÃO . 4



RUA PIAUÍ . 3



72

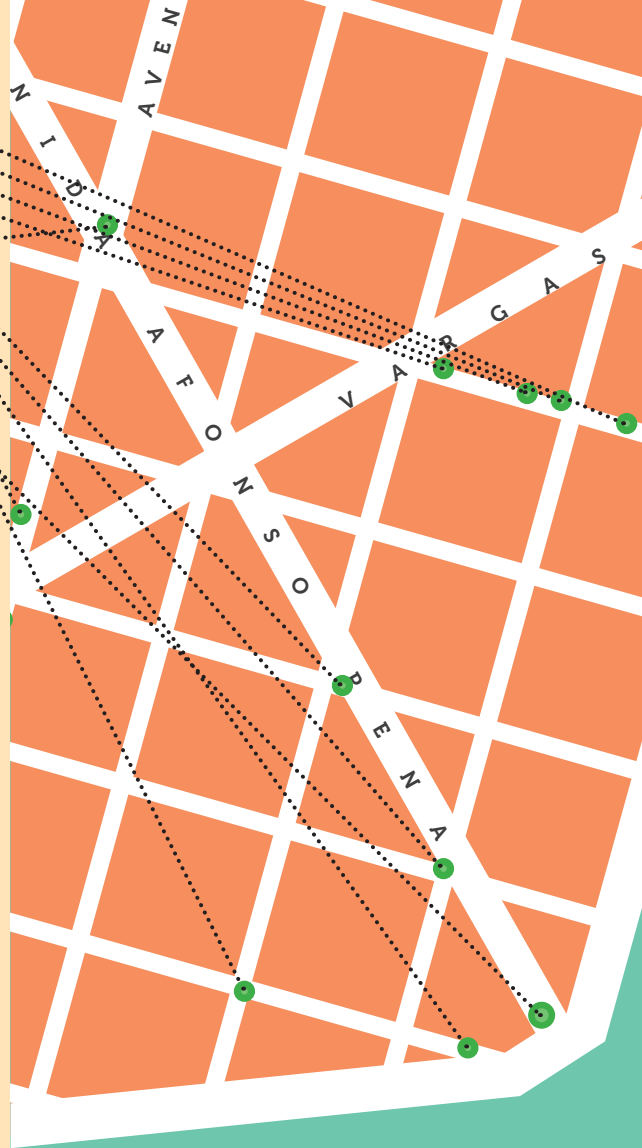
- RUA GONÇALVES DIAS . 22A
- RUA MARANHÃO . 3
- RUA GONÇALVES DIAS . 22B
- RUA GONÇALVES DIAS . 22C

73

- AV. AFONSO PENA/ B. MONTEIRO
- AV. AFONSO PENA/ PIAUÍ
- AV. AFONSO PENA/ INCONFIDENTES
- RUA TOMÉ DE SOUZA . 2

74

- RUA PROFESSOR MORAES . 4
- RUA TOMÉ DE SOUZA . 3
- AV AFONSO PENA/ CONTORNO



RUA GONÇALVES DIAS . 22A



RUA MARANHÃO . 3



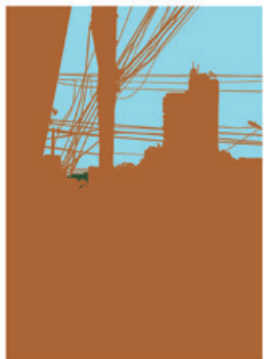
AV. AFONSO PENA/
BERNARDO MONTEIRO



AV. AFONSO PENA/
PIAUI



RUA GONÇALVES DIAS , 22B



RUA GONÇALVES DIAS . 22C



AV. AFONSO PENA/
INCONFIDENTES



RUA TOMÉ DE SOUZA . 2



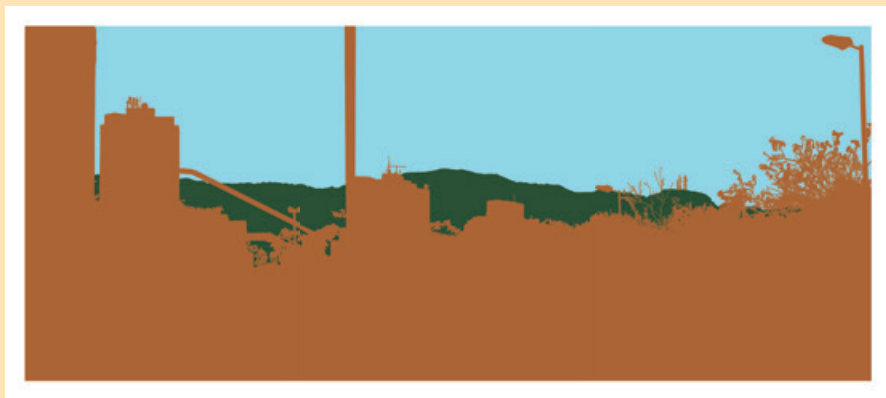
RUA PROFESSOR MORAES . 4



RUA TOMÉ DE SOUZA . 3



AV. AFONSO PENA/ CONTORNO



78

RUA GONÇALVES DIAS . 2
RUA GONÇALVES DIAS . 1
AV. BRASIL . 22B
RUA PERNAMBUCO . 1

79

RUA GONÇALVES DIAS . 22D
RUA PARAÍBA . 3
RUA PERNAMBUCO . 2
RUA PARAÍBA . 2

80

RUA PERNAMBUCO . 3
RUA PARAÍBA . 1
RUA PERNAMBUCO . 4
RUA PROFESSOR MORAES . 2

81

RUA PROFESSOR MORAES . 3
AV. GETÚLIO VARGAS . 1
RUA PROFESSOR MORAES . 1
RUA RIO GRANDE DO NORTE . A

82

RUA TOMÉ DE SOUZA . 1
RUA RIO GRANDE DO NORTE . B
RUA RIO GRANDE DO NORTE . C
RUA RIO GRANDE DO NORTE . D

83

AV. CRISTÓVÃO COLOMBO . 7
AV. CRISTÓVÃO COLOMBO . 8
AV. CRISTÓVÃO COLOMBO . 9
AV. CRISTÓVÃO COLOMBO . 10



RUA GONÇALVES DIAS . 2



RUA GONÇALVES DIAS . 1



RUA GONÇALVES DIAS . 22D



RUA PARAÍBA . 3



AV. BRASIL . 22B



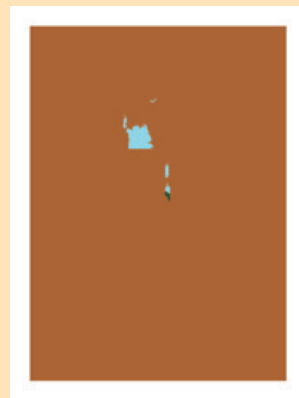
RUA PERNAMBUCO . 1



RUA PERNAMBUCO . 2



RUA PARAÍBA . 2



RUA PERNAMBUCO . 3



RUA PARAÍBA . 1



RUA PROFESSOR MORAES . 3



AV. GETÚLIO VARGAS . 1



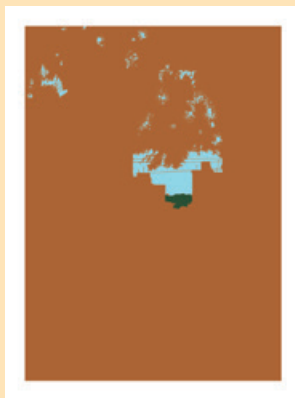
RUA PERNAMBUCO . 4



RUA PROFESSOR MORAES . 2



RUA PROFESSOR MORAES . 1



RUA RIO GRANDE DO NORTE . A



RUA TOMÉ DE SOUZA . 1



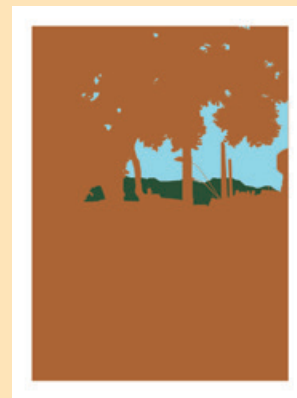
RUA RIO GRANDE DO NORTE . B



AV. CRISTÓVÃO COLOMBO . 7



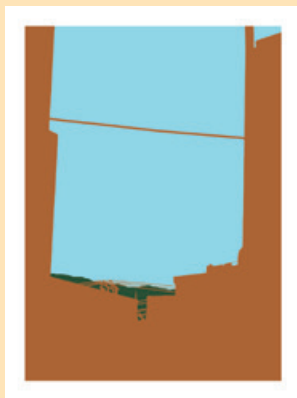
AV. CRISTÓVÃO COLOMBO . 8



RUA RIO GRANDE DO NORTE . C



RUA RIO GRANDE DO NORTE . D



AV. CRISTÓVÃO COLOMBO . 9



AV. CRISTÓVÃO COLOMBO . 10



86

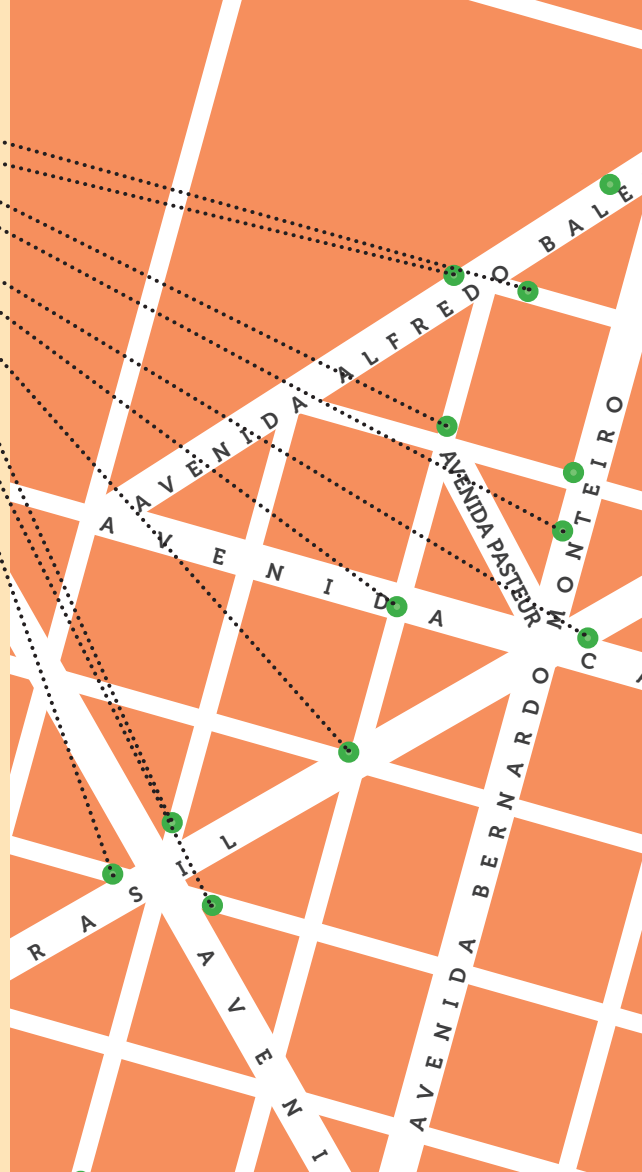
- RUA DOS OTONI . 7
- AV. ALFREDO BALENA . 12B
- RUA RIO GRANDE DO NORTE . 1
- AV. BERNARDO MONTEIRO . 3

87

- AV. BRASIL . 22A
- RUA RIO GRANDE DO NORTE . 2
- AV. BRASIL . 1
- RUA PARAÍBA . 4

88

- RUA DOS AIMORÉS . 22A
- RUA DOS AIMORÉS . 1



RUA DOS OTONI . 7



AV. ALFREDO BALENA . 12B



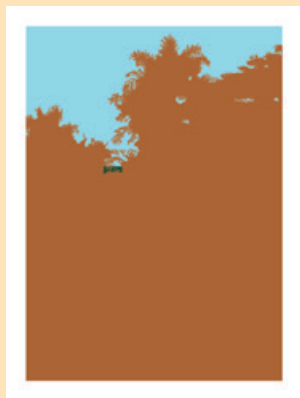
AV. BRASIL . 22A



RUA RIO GRANDE DO NORTE . 2



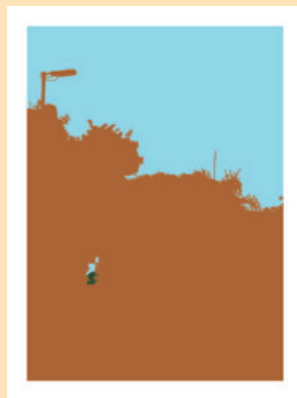
RUA RIO GRANDE DO NORTE . 1



AV. BERNARDO MONTEIRO . 3



AV. BRASIL . 1



RUA PARAÍBA . 4



RUA DOS AIMORÉS . 22A



RUA DOS AIMORÉS . 1



92

PRAÇA DA LIBERDADE . 8
RUA SERGIPE . 1
PRAÇA DA LIBERDADE . 3
PRAÇA DA LIBERDADE . 7

93

PRAÇA DA LIBERDADE . MJR4
PRAÇA DA LIBERDADE . MJR3
PRAÇA DA LIBERDADE . MJR1
PRAÇA DA LIBERDADE . MJR2

94

PRAÇA DA LIBERDADE . 6
PRAÇA DA LIBERDADE . 9
PRAÇA DA LIBERDADE . 4
PRAÇA DA LIBERDADE . 5

95

AV. BRASIL . A
AV. BRASIL . 2
PRAÇA DA LIBERDADE . 10
RUA TOMÉ DE SOUZA . 23A

96

AV. CRISTÓVÃO COLOMBO . 1
AV. CRISTÓVÃO COLOMBO . 2
AV. CRISTÓVÃO COLOMBO . 3
AV. CRISTÓVÃO COLOMBO . 4

97

AV. CRISTÓVÃO COLOMBO . 5
AV. CRISTÓVÃO COLOMBO . 6
RUA LEVINDO LOPES . 23A
RUA LEVINDO LOPES . 23B

98

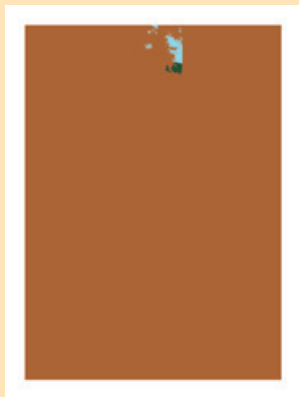
RUA ANTÔNIO DE ALBUQUERQUE . 1
RUA FERNANDES TOURINHO . 23A
RUA FERNANDES TOURINHO . 3
RUA FERNANDES TOURINHO . 2

99

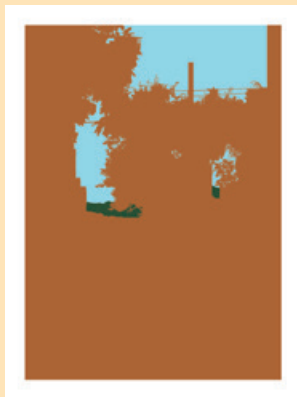
AV. GETÚLIO VARGAS . 23A
RUA FERNANDES TOURINHO . 1
RUA DA BAHIA . 23A
AV. GETÚLIO VARGAS . 22A



PRAÇA DA LIBERDADE . 8



RUA SERGIPE . 1



PRAÇA DA LIBERDADE . MJR4



PRAÇA DA LIBERDADE . MJR3



PRAÇA DA LIBERDADE . 3



PRAÇA DA LIBERDADE . 7



PRAÇA DA LIBERDADE . MJR1



PRAÇA DA LIBERDADE . MJR2



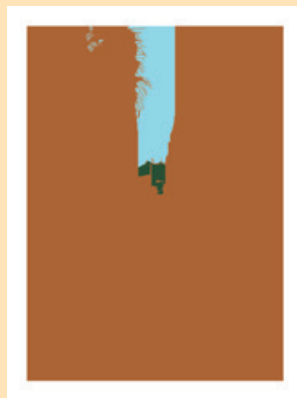
PRAÇA DA LIBERDADE . 6



PRAÇA DA LIBERDADE . 9



AV. BRASIL . A



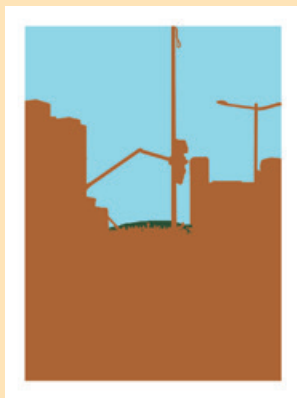
AV. BRASIL . 2



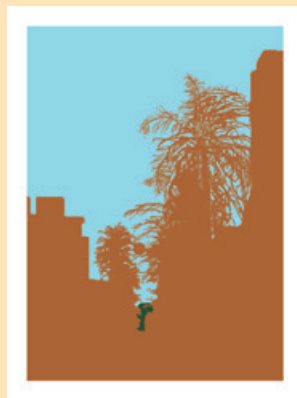
PRAÇA DA LIBERDADE . 4



PRAÇA DA LIBERDADE . 5



PRAÇA DA LIBERDADE . 10



RUA TOMÉ DE SOUZA . 23A



AV. CRISTÓVÃO COLOMBO . 1



AV. CRISTÓVÃO COLOMBO . 2



AV. CRISTÓVÃO COLOMBO . 5



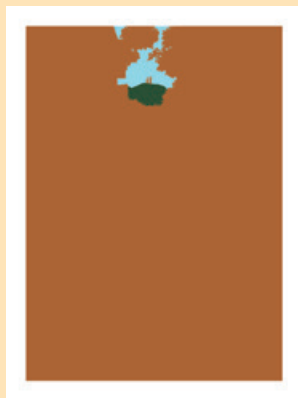
AV. CRISTÓVÃO COLOMBO . 6



AV. CRISTÓVÃO COLOMBO . 3



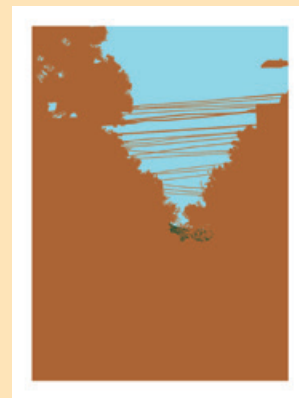
AV. CRISTÓVÃO COLOMBO . 4



RUA LEVINDO LOPES . 23A



RUA LEVINDO LOPES . 23B



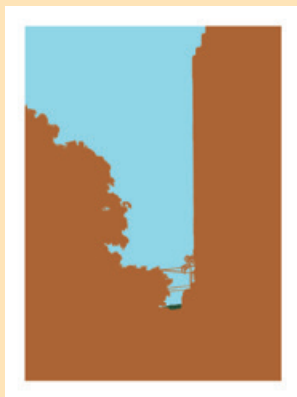
RUA ANTÔNIO
DE ALBUQUERQUE . 1



RUA FERNANDES
TOURINHO . 23A



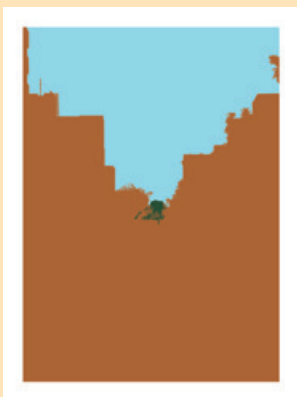
AV. GETÚLIO VARGAS . 23A



RUA FERNANDES
TOURINHO . 1



RUA FERNANDES
TOURINHO . 3



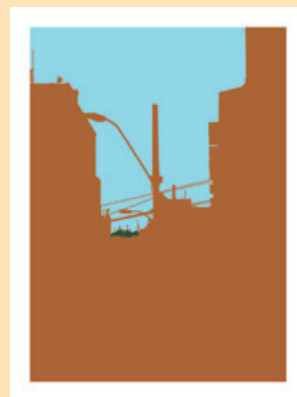
RUA FERNANDES
TOURINHO . 2



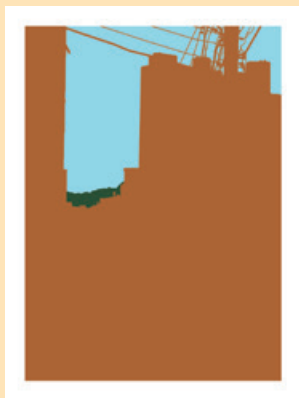
RUA DA BAHIA . 23A



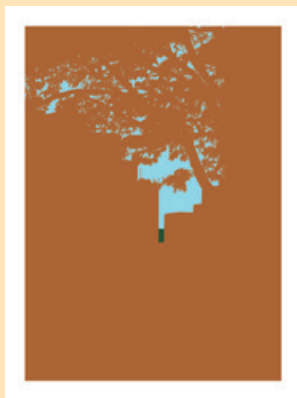
AV. GETÚLIO VARGAS . 22A



RUA SANTA CATARINA . 6C



RUA GONÇALVES DIAS . 6B



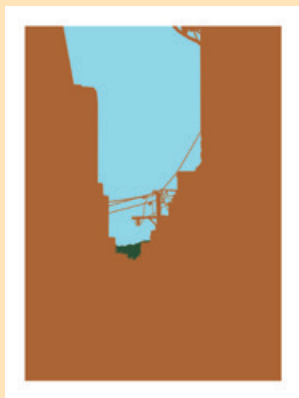
RUA ALVARENGA PEIXOTO . 6C



AV. OLEGÁRIO MACIEL . 6A



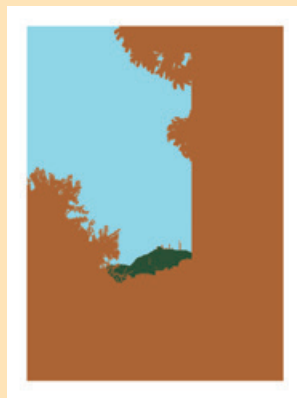
RUA GONÇALVES DIAS . 6C



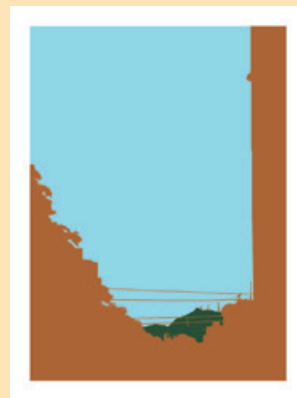
RUA CURITIBA . 6A



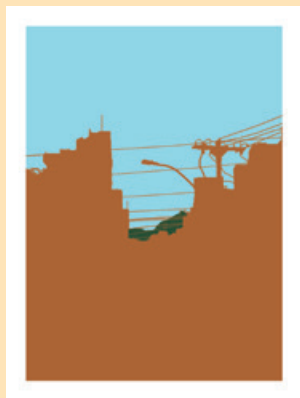
RUA ALVARENGA PEIXOTO . 6B



RUA ALVARENGA PEIXOTO . 6A



PRAÇA DA ASSEMBLÉIA . 5BF1



PRAÇA DA ASSEMBLÉIA . 5BF2



RUA TOMÁS GONZAGA . 11A



RUA ALVARENGA PEIXOTO . 23A



RUA CURITIBA . 23A



RUA SANTA CATARINA . 23B



RUA SANTA CATARINA . 23A



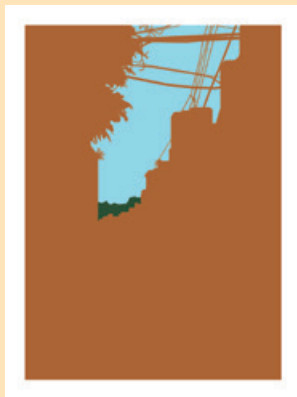
RUA TOMÁS GONZAGA . 23B



RUA TOMÁS GONZAGA . 23A



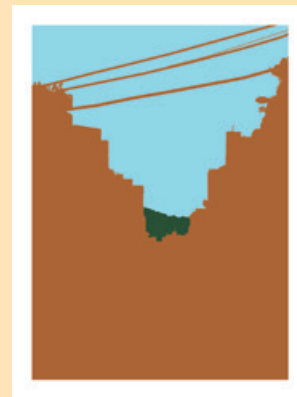
RUA RIO DE JANEIRO . 23A



RUA ANTÔNIO
DE ALBUQUERQUE . 23A



RUA SÃO PAULO . 23A



RUA ANTÔNIO
DE ALBUQUERQUE . 23B



RUA SÃO PAULO . 23B



RUA FERNANDES
TOURINHO . 23B



RUA FERNANDES
TOURINHO . 23C



110

AV. AFONSO PENNA/ ÁLVARES CABRAL . 2
AV. AUGUSTO DE LIMA . 30A
RUA DOS GUAJAJARAS . 1
RUA DOS GUAJAJARAS . 2

111

RUA DOS GUAJAJARAS . 3
RUA DA BAHIA . 1
AV. ÁLVARES CABRAL . 30B
RUA DOS GUAJAJARAS . 30A

112

RUA DOS GUAJAJARAS . 30B
AV. JOÃO PINHEIRO . 1
AV. JOÃO PINHEIRO . 2
RUA DOS TIMBIRAS . 4

113

AV. ÁLVARES CABRAL . 30A
RUA DOS TIMBIRAS . 1
RUA DOS TIMBIRAS . 2
RUA DOS TIMBIRAS . 3

114

AV. JOÃO PINHEIRO . 3
RUA DA BAHIA . 2
AV. JOÃO PINHEIRO . 4
RUA DOS AIMORÉS . 2

115

RUA DOS AIMORÉS . 3
RUA DOS AIMORÉS . 4
RUA BERNARDO GUIMARÃES . 3
RUA BERNARDO GUIMARÃES . 2

116

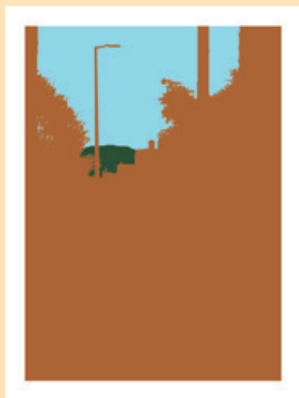
RUA DA BAHIA . 3
RUA BERNARDO GUIMARÃES . 1
AV. JOÃO PINHEIRO . 5
AV. JOÃO PINHEIRO . 6

117

RUA GONÇALVES DIAS . 3
PRAÇA DA LIBERDADE . 1
RUA DA BAHIA . 4
PRAÇA DA LIBERDADE . 2



AV. AFONSO PENA/
AV. ÁLVARES CABRAL



AV. AUGUSTO DE LIMA . 30A



RUA DOS GUAJAJARAS . 3



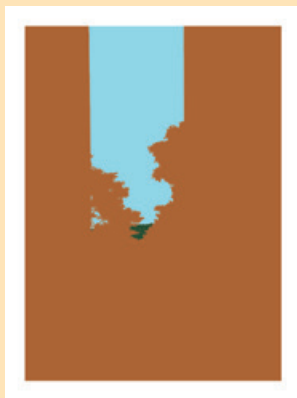
RUA DA BAHIA . 1



RUA DOS GUAJAJARAS . 1



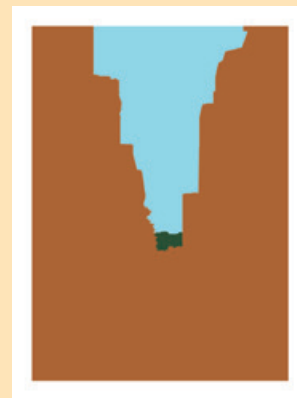
RUA DOS GUAJAJARAS . 2



AV. ÁLVARES CABRAL . 30B



RUA DOS GUAJAJARAS . 30A



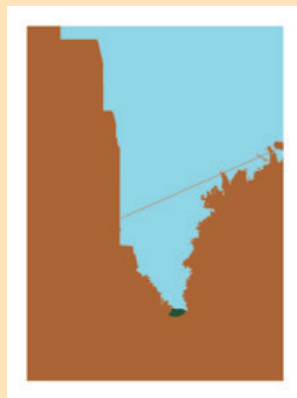
RUA DOS GUAJAJARAS . 30B



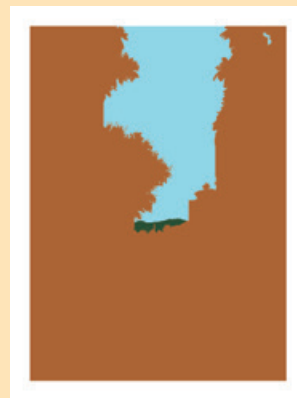
AV. JOÃO PINHEIRO . 1



AV. ÁLVARES CABRAL . 30A



RUA DOS TIMIRAS . 1



AV. JOÃO PINHEIRO . 2



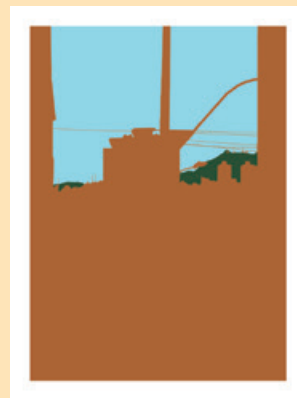
RUA DOS TIMIRAS . 4



RUA DOS TIMIRAS . 2



RUA DOS TIMIRAS . 3



AV. JOÃO PINHEIRO . 3



RUA DA BAHIA . 2



RUA DOS AIMORÉS . 3



RUA DOS AIMORÉS . 4



AV. JOÃO PINHEIRO . 4



RUA DOS AIMORÉS . 2



RUA BERNARDO GUIMARÃES . 3



RUA BERNARDO GUIMARÃES . 2



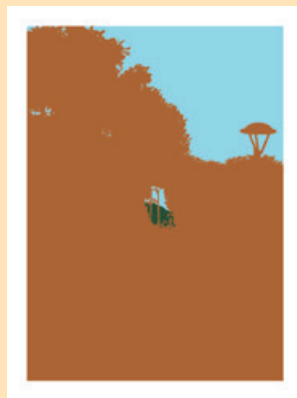
RUA DA BAHIA . 3



RUA BERNARDO GUIMARÃES . 1



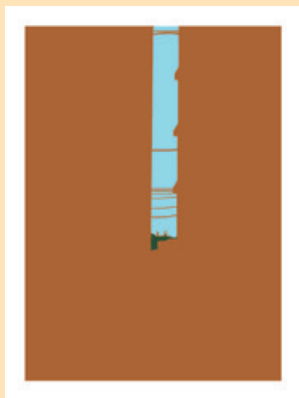
RUA GONÇALVES DIAS . 3



PRAÇA DA LIBERDADE . 1



RUA JOÃO PINHEIRO . 5



RUA JOÃO PINHEIRO . 6



RUA DA BAHIA . 4



PRAÇA DA LIBERDADE . 2



120

VIADUTO SANTA TEREZA
RUA DOS TUPINAMBÁS . 24A
RUA RIO DE JANEIRO . 24A

121

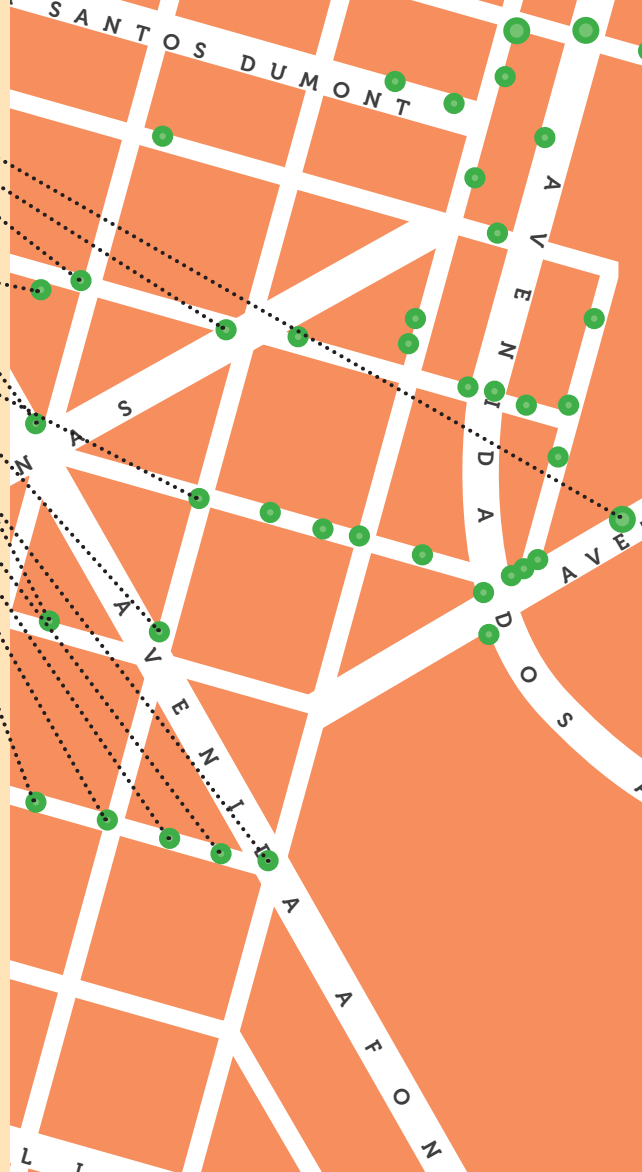
RUA DOS TUPINAMBÁS . 24B
AV. AFONSO PENA/ PRAÇA SETE

122

PRAÇA SETE DE SETEMBRO . 29C
AV. AFONSO PENA/ ESPÍRITO SANTO
RUA DOS TAMOIOS . 30B
AV. AFONSO PENA/ BAHIA

123

RUA DOS TUPIS . 30E
RUA DOS TUPIS . 30D
RUA DOS TUPIS . 30C
RUA DOS TUPIS . 30B



VIADUTO SANTA TEREZA



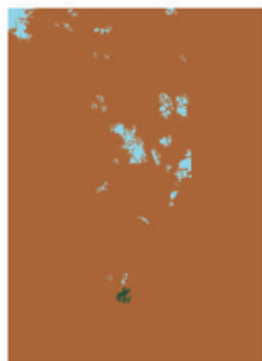
RUA DOS TUPINAMBÁS . 24A



RUA RIO DE JANEIRO . 24A



RUA DOS TUPINAMBÁS . 24B



AV. AFONSO PENA/
PRAÇA SETE



PRAÇA SETE DE SETEMBRO . 29C



AV. AFONSO PENNA/
ESPÍRITO SANTO



RUA DOS TUPIS . 30E



RUA DOS TUPIS . 30D



RUA DOS TAMOIOS . 30B



AV. AFONSO PENNA/
BAHIA



RUA DOS TUPIS . 30C



RUA DOS TUPIS . 30B



126

PASSARELA DA RODOVIÁRIA ●
RUA VINTE UM DE ABRIL ●
AV. OIAPOQUE . 24B ●
AV. OIAPOQUE . 24A ●

127

AV. OLEGÁRIO MACIEL . 29A ●
RUA PAULO DE FRONTIM . 29A ●
RUA GUAICURUS . 1 ●
RUA DOS CAETÉS . 29C ●

128

PRAÇA RIO BRANCO . 29B ●
RUA DOS CAETÉS . 29B ●
RUA CURITIBA . 24A ●
RUA DOS CAETÉS . 29A ●

129

PRAÇA RIO BRANCO . 29A ●
AV. SANTOS DUMONT . 24C ●
RUA DOS CAETÉS . 24B ●
AV. AFONSO PENA/ CAETÉS ●

130

RUA SÃO PAULO . 24A ●
AV. AFONSO PENA/ SÃO PAULO ●
PRAÇA SETE DE SETEMBRO . 29A ●
PRAÇA SETE DE SETEMBRO . 29B ●

131

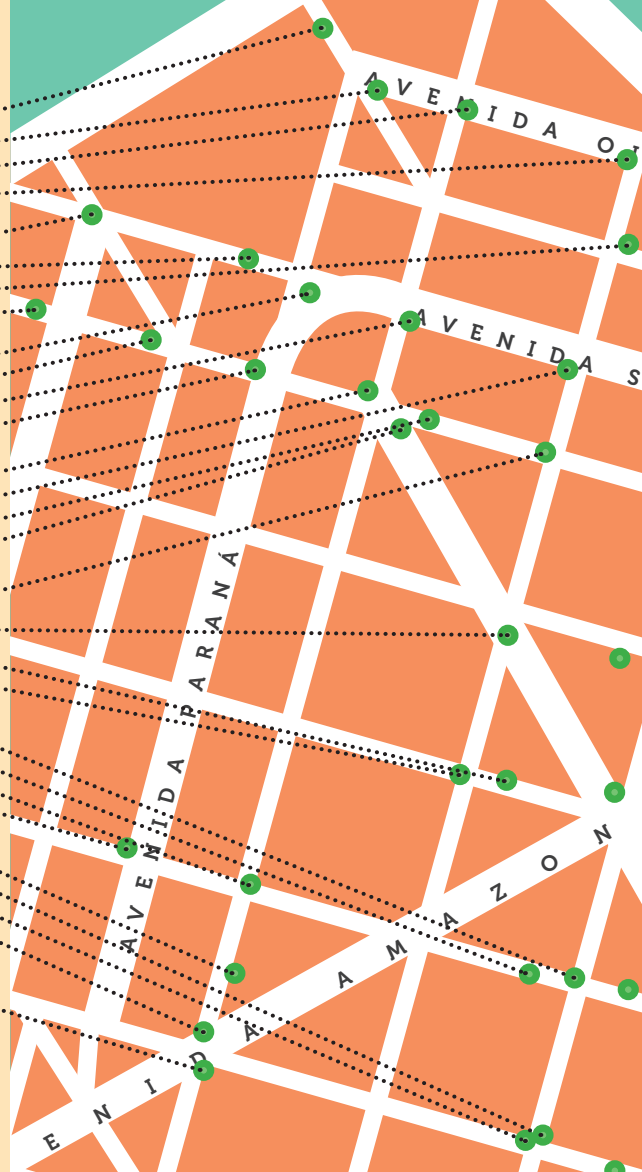
RUA DOS TAMOIOS . 30A ●
RUA DOS TAMOIOS . 30 ●
RUA CURITIBA . 29A ●
AV. PARANÁ . T ●

132

RUA CURITIBA . 29B ●
RUA RIO DE JANEIRO . 30A ●
RUA DOS TUPIS . 30A ●
RUA CURITIBA . 29C ●

133

RUA CURITIBA . 30A ●



PASSARELA DA RODOVIÁRIA



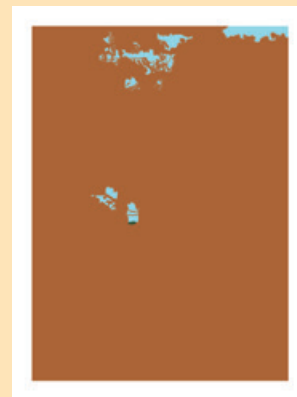
RUA VINTE UM DE ABRIL



AV. OLEGÁRIO MACIEL . 29A



RUA PAULO DE FRONTIM . 29A



AV. OIAPOQUE . 24B



AV. OIAPOQUE . 24A



RUA GUAICURUS . 1



RUA DOS CAETÉS . 29C



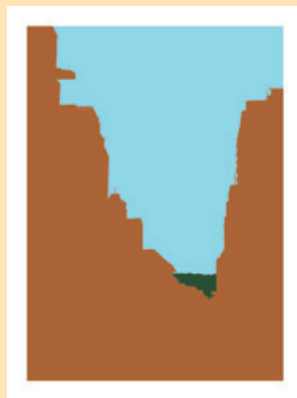
PRAÇA RIO BRANCO . 29B



RUA DOS CAETÉS . 29B



PRAÇA RIO BRANCO . 29A



AV. SANTOS DUMONT . 24C



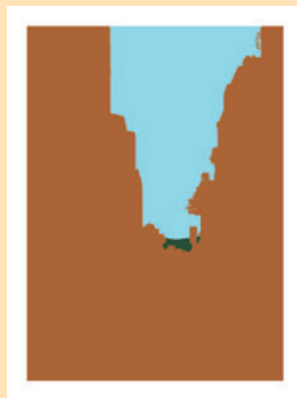
RUA CURITIBA . 24A



RUA DOS CAETÉS . 29A



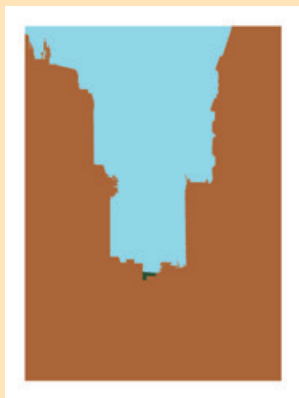
RUA DOS CAETÉS . 24B



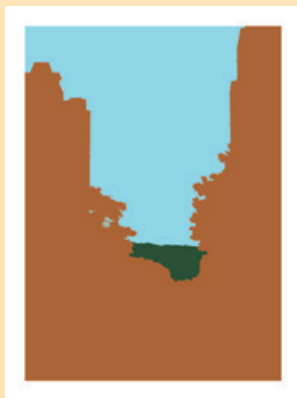
AV. AFONSO PENA/ CAETÉS



RUA SÃO PAULO . 24A



AV. AFONSO PENA/ SÃO PAULO



RUA DOS TAMOIOS . 30A



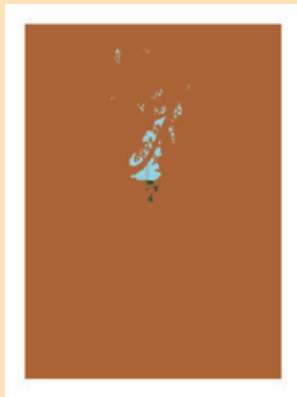
RUA DOS TAMOIOS . 30



PRAÇA SETE DE SETEMBRO . 29A



PRAÇA SETE DE SETEMBRO . 29B



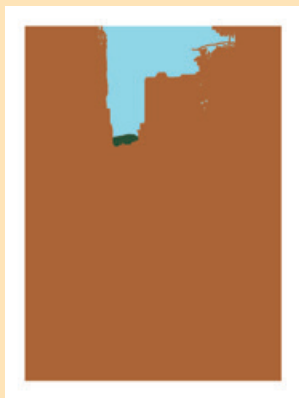
RUA CURITIBA . 29A



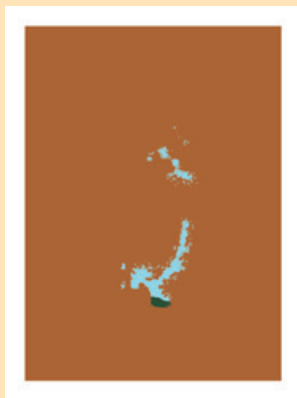
AV. PARANÁ . T



RUA CURITIBA . 29B



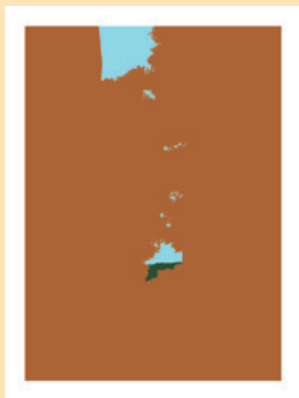
RUA RIO DE JANEIRO . 30A



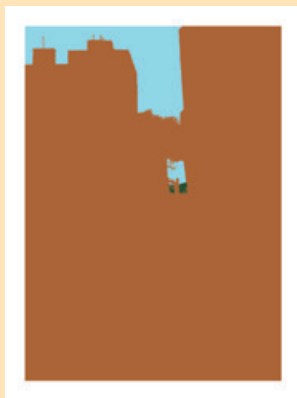
RUA CURITIBA . 30A



RUA DOS TUPIS . 30A



RUA CURITIBA . 29C



136

- PRAÇA RAUL SOARES . 29A
- RUA DOS GUAJAJARAS . 30C
- AV. AUGUSTO DE LIMA . 4A
- AV. BIAS FORTES . 30B

137

- AV. BIAS FORTES . 30C
- AV. BIAS FORTES . 6A
- AV. OLEGÁRIO MACIEL . 6F
- AV. ÁLVARES CABRAL . 30C

138

- RUA SANTA CATARINA . 6A
- AV. OLEGÁRIO MACIEL . 6D
- RUA SANTA CATARINA . 6B
- RUA CURITIBA . 6B

139

- RUA BERNARDO GUIMARÃES . 6A
- AV. OLEGÁRIO MACIEL . 6E
- RUA BERNARDO GUIMARÃES . 6B



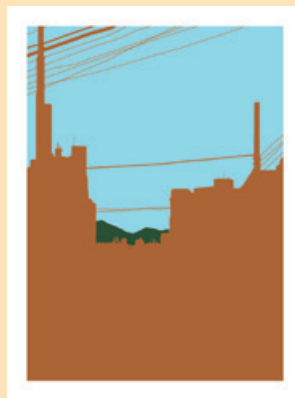
PRAÇA RAUL SOARES . 29A



RUA DOS GUAJAJARAS . 30C



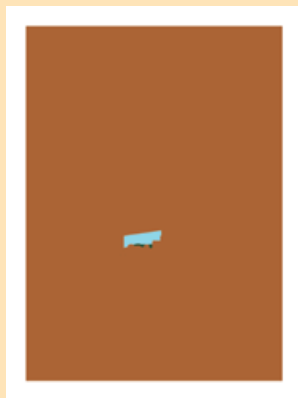
AV. BIAS FORTES . 30C



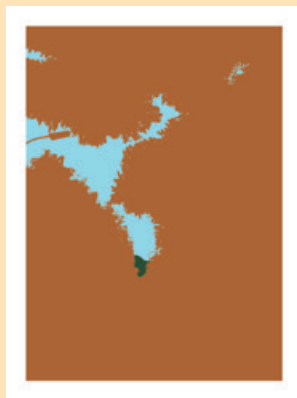
AV. BIAS FORTES . 6A



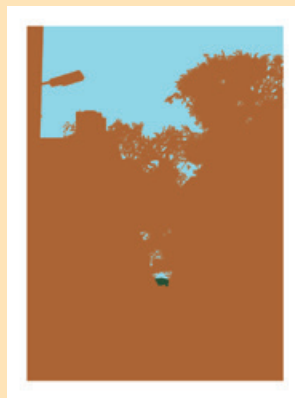
AV. AUGUSTO DE LIMA . 4A



AV. BIAS FORTES . 30B



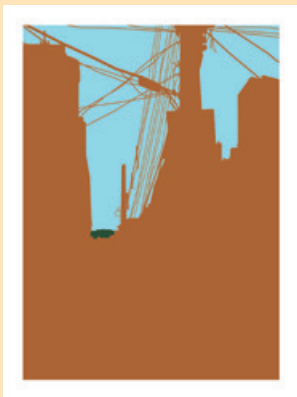
AV. OLEGÁRIO MACIEL . 6F



AV. ÁLVARES CABRAL . 30C



RUA SANTA CATARINA . 6A



AV. OLEGÁRIO MACIEL . 6D



RUA BERNARDO
GUIMARÃES . 6A



RUA BERNARDO
GUIMARÃES . 6B



RUA SANTA CATARINA . 6B



RUA CURITIBA . 6B



AV. OLEGÁRIO MACIEL . 6E1



AV. OLEGÁRIO MACIEL . 6E2



142

- RUA DOS TAMOIOS . 29A ●
- AV. BIAS FORTES . 4C ●
- AV. BIAS FORTES . 29A ●
- RUA DOS TUPIS . 4A ●

143

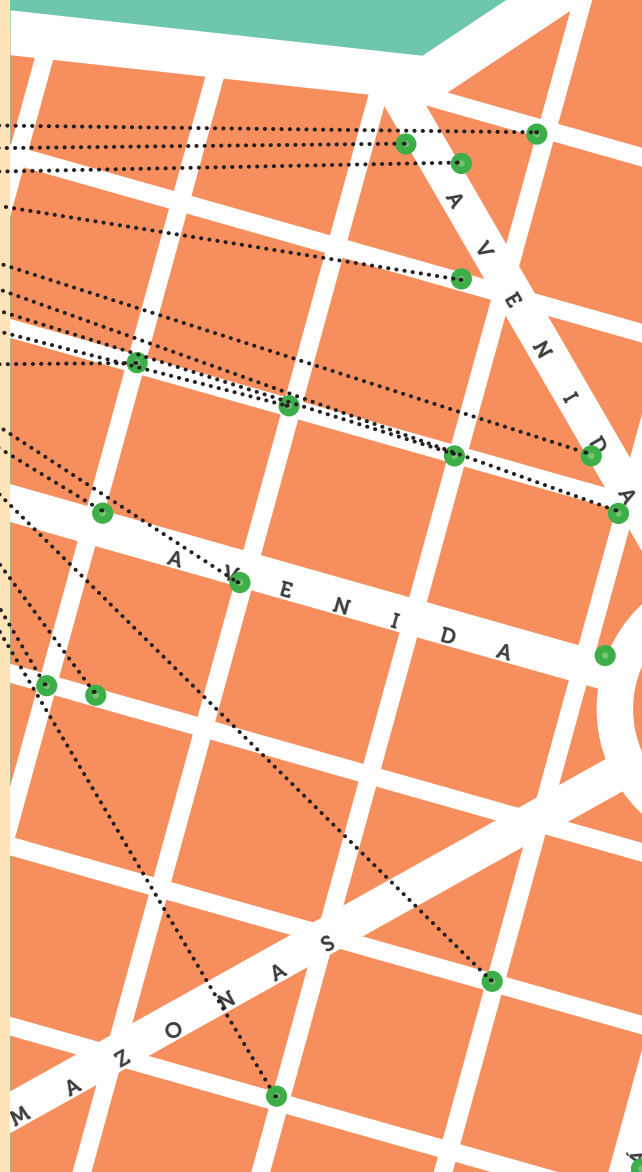
- AV. BIAS FORTES . 4A ●
- AV. BIAS FORTES . 4B ●
- RUA DOS GOYTACAZES . 4F ●
- RUA DOS GOYTACAZES . 4E ●

144

- RUA DOS GOYTACAZES . 4D ●
- RUA ARAGUARI . 4A ●
- AV. AUGUSTO DE LIMA . 4B ●
- RUA RIO GRANDE DO SUL . 6A ●

145

- RUA DOS GUAJAJARAS . 4B ●
- RUA OURO PRETO . 4A ●
- RUA DOS AIMORÉS . 6A ●



RUA DOS TAMOIOS . 29A



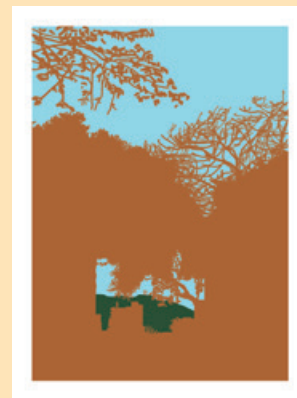
AV. BIAS FORTES . 4C



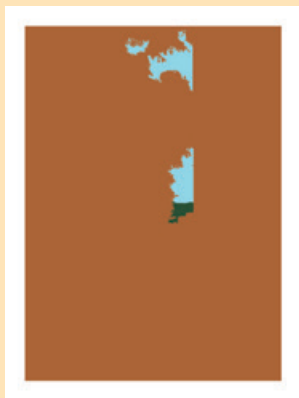
AV. BIAS FORTES . 4A



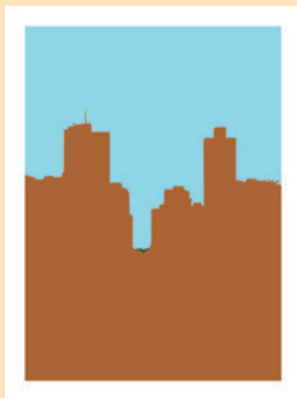
AV. BIAS FORTES . 4B



AV. BIAS FORTES . 29A



RUA DOS TUPIS . 4A



RUA DOS GOITACAZES . 4F



RUA DOS GOITACAZES . 4E



RUA DOS GOITACAZES . 4D



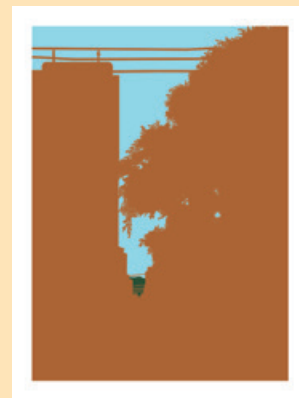
RUA ARAGUARI . 4A



RUA DOS GUAJAJARAS . 4B



RUA OURO PRETO . 4A



AV. AUGUSTO DE LIMA . 4B



RUA RIO GRANDE DO SUL . 6A



RUA DOS AIMORÉS . 6A



148

- PASSARELA DA ESTACÃO DO METRÔ CARLOS PRATES. 12A
- RUA DOS GOITACAZES . 4A
- RUA DOS GOITACAZES . 4B
- RUA DOS GOITACAZES . 4C

149

- AV. AUGUSTO DE LIMA . 4C
- RUA PARACATU . 4A
- RUA DOS GUAJAJARAS . 4A
- RUA DOS TIMBIRAS . 4A

150

- AV. BARBACENA . 4A
- RUA DOS AIMORÉS . 7 . 4A
- AV. BARBACENA . 4B
- RUA DOS AIMORÉS . 5A

151

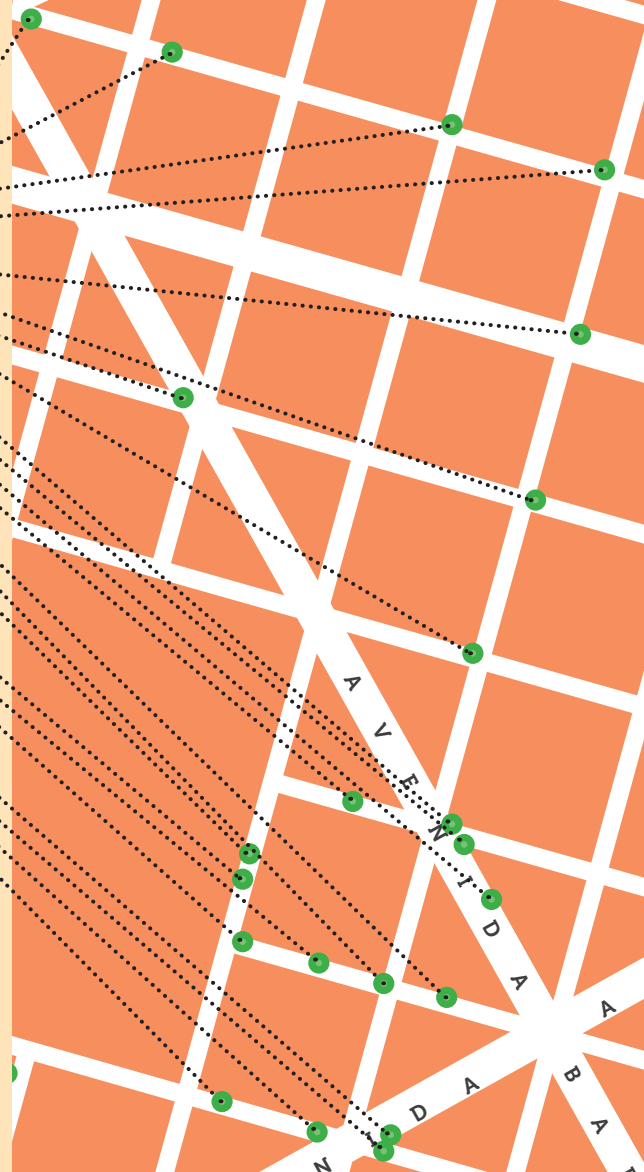
- RUA BERNARDO GUIMARÃES . 5C
- RUA BERNARDO GUIMARÃES . 5B2F
- RUA JUIZ DE FORA . 5B

152

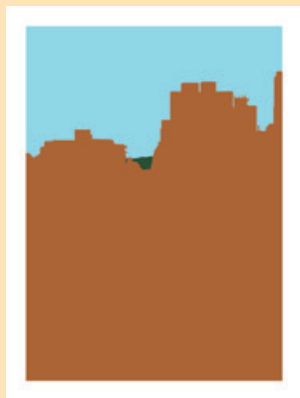
- RUA JUIZ DE FORA . 5C
- RUA BERNARDO GUIMARÃES . 5A2F
- RUA JUIZ DE FORA . 5A

153

- AV. AMAZONAS . 5B
- RUA GONÇALVES DIAS . 5D
- RUA GONÇALVES DIAS . 5C
- RUA GONÇALVES DIAS . 5B



PASSARELA DA ESTAÇÃO
DO METRÔ CARLOS PRATES



RUA DOS GOITACAZES . 4A



AV. AUGUSTO DE LIMA . 4C



RUA PARACATU . 4A



RUA DOS GOITACAZES . 4B



RUA DOS GOITACAZES . 4C



RUA DOS GUAJAJARAS . 4A



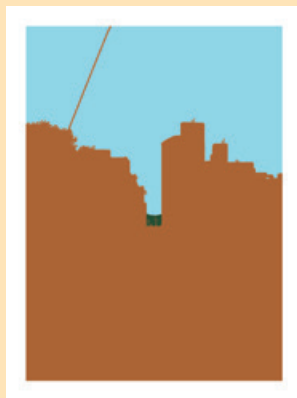
RUA DOS TIMBIRAS . 4A



AV. BARBACENA . 4A



RUA DOS AIMORÉS . 4A



RUA BERNARDO
GUIMARÃES . 5C



RUA JUIZ DE FORA . 5B



AV. BARBACENA . 4B



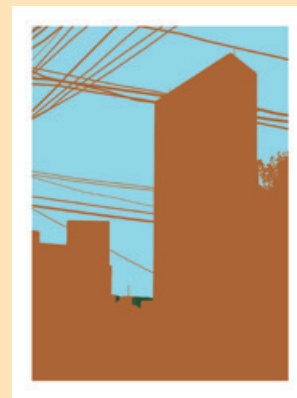
RUA DOS AIMORÉS . 5A



RUA BERNARDO
GUIMARÃES . 5B1



RUA BERNARDO
GUIMARÃES . 5B2



RUA JUIZ DE FORA . 5C



RUA JUIZ DE FORA . 5A



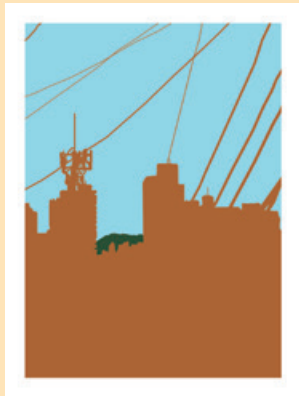
AV. AMAZONAS . 5B



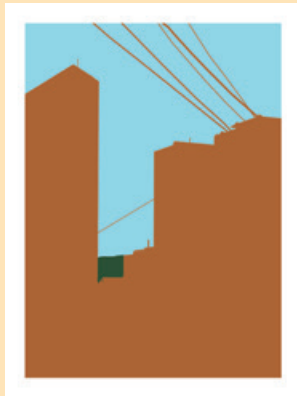
RUA GONÇALVES DIAS . 5D



RUA BERNARDO
GUIMARÃES . 5A1



RUA BERNARDO
GUIMARÃES . 5A2



RUA GONÇALVES DIAS . 5C



RUA GONÇALVES DIAS . 5B



156

- RUA GONÇALVES DIAS . 5A
- RUA TENENTE BRITO MELO . 5A
- AV. AMAZONAS . 5A
- RUA ALVARENGA PEIXOTO . 5B

157

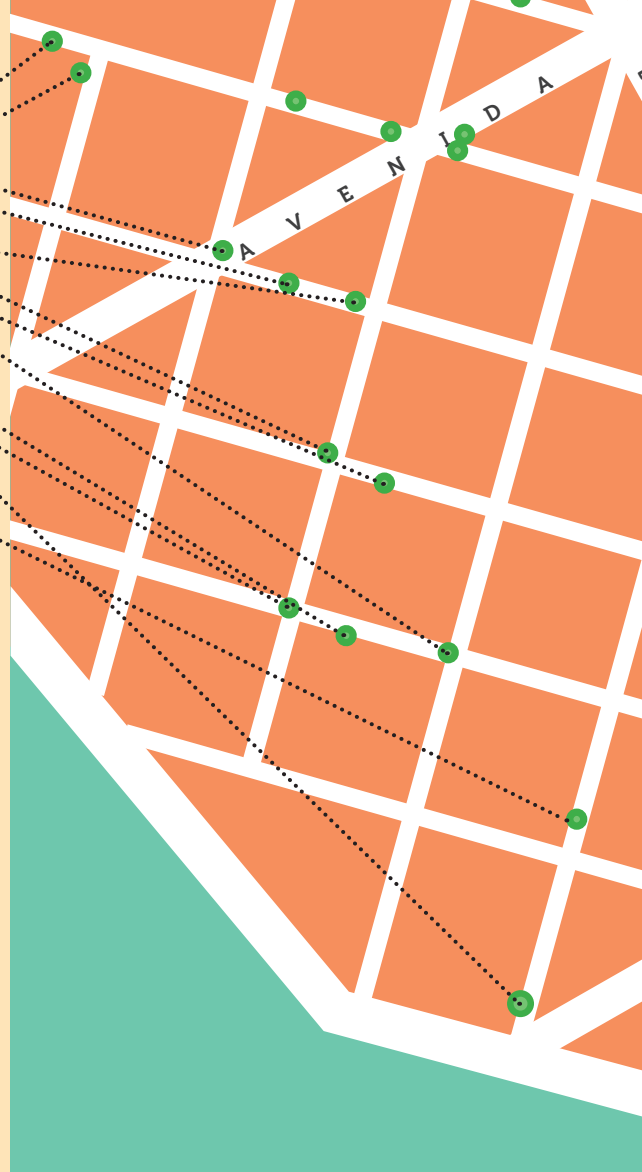
- RUA ALVARENGA PEIXOTO . 5A
- RUA MARTIM DE CARVALHO . 5A
- RUA MARTIM DE CARVALHO . 5B
- RUA RODRIGUES CALDAS . 5C

158

- RUA RODRIGUES CALDAS . 5B
- RUA RODRIGUES CALDAS . 5A
- RUA ARAGUARI . 11A

159

- RUA ARAGUARI . 5A



RUA GONÇALVES DIAS . 5A



RUA TENENTE BRITO MELO . 5A



RUA ALVARENGA PEIXOTO . 5C



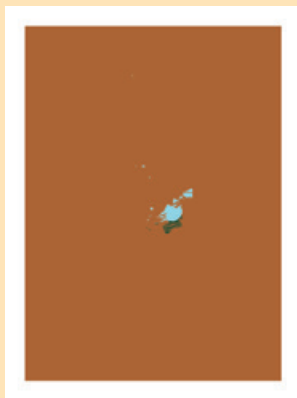
RUA MARTIM DE CARVALHO . 5A



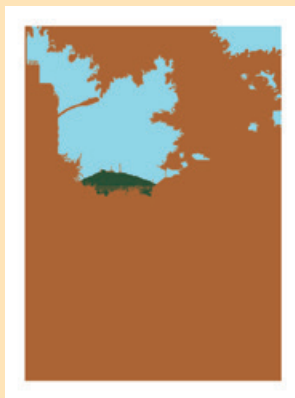
AV. AMAZONAS . 5A



RUA ALVARENGA PEIXOTO . 5A



RUA MARTIM DE CARVALHO . 5B



RUA RODRIGUES CALDAS . 5C



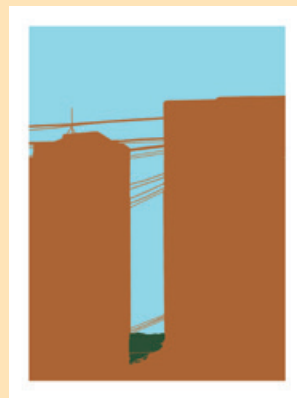
RUA RODRIGUES CALDAS . 5B



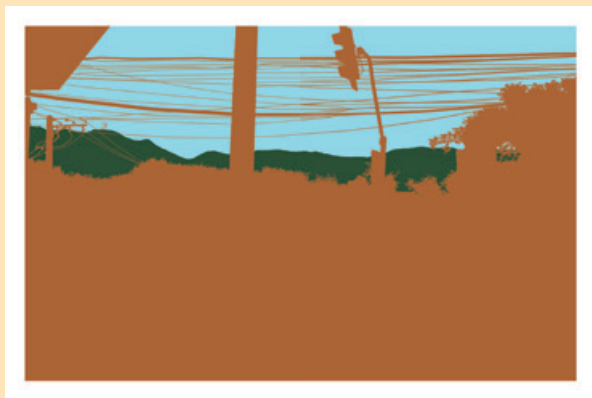
RUA RODRIGUES CALDAS . 5A



RUA ARAGUARI . 5A



RUA ARAGUARI . 11A



162

AV. OLEGÁRIO MACIEL . 6B ●
AV. OLEGÁRIO MACIEL . 6C1_2 ●
RUA GONÇALVES DIAS . 6A ●

163

RUA ALVARENGA PEIXOTO . 6D ●
PRAÇA DA ASSEMBLÉIA . 5A ●
AV. OLEGÁRIO MACIEL . 11A ●
RUA MARTIM DE CARVALHO . 5D ●

164

PRAÇA DA ASSEMBLÉIA . 11A ●
AV. ÁLVARES CABRAL . 11A ●
PRAÇA DA ASSEMBLÉIA . 11B ●
RUA RODRIGUES CALDAS . 5D ●

165

AV. OLEGÁRIO MACIEL . 11B ●
AV. ÁLVARES CABRAL . 11B ●
RUA FELIPE DOS SANTOS . 11B ●

166

AV. ÁLVARES CABRAL . 11C ●
RUA SANTOS BARRETO . 11B ●
AV. ÁLVARES CABRAL . 11D ●
RUA SANTOS BARRETO . 11A ●

167

RUA MATIAS CARDOSO . 11C ●
RUA MATIAS CARDOSO . 11B ●
RUA MATIAS CARDOSO . 11A ●
AV. ÁLVARES CABRAL . 11E ●

168

RUA COELHO DE SOUZA . 11A ●
RUA FELIPE DOS SANTOS . 11A ●



AV. OLEGÁRIO MACIEL . 6B



RUA GONÇALVES DIAS . 6A



RUA ALVARENGA PEIXOTO . 6D



PRAÇA DA ASSEMBLÉIA . 5A



AV. OLEGÁRIO MACIEL . 6C1



AV. OLEGÁRIO MACIEL . 6C2



AV. OLEGÁRIO MACIEL . 11A



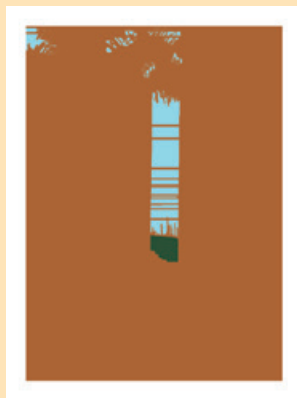
AV. MARTIM DE CARVALHO 5D



PRAÇA DA ASSEMBLÉIA . 11A



AV. ÁLVARES CABRAL . 11A



AV. OLEGÁRIO MACIEL . 11B1



AV. OLEGÁRIO MACIEL . 11B2



PRAÇA DA ASSEMBLÉIA . 11B



RUA RODRIGUES CALDAS . 5D



AV. ÁLVARES CABRAL . 11B



RUA FELIPE DOS SANTOS . 11B



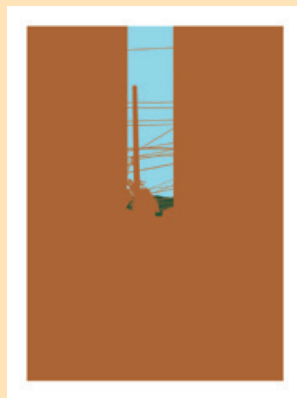
AV. ÁLVARES CABRAL . 11C



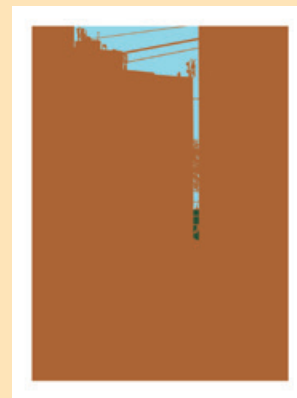
RUA SANTOS BARRETO . 11B



RUA MATIAS CARDOSO . 11C



RUA MATIAS CARDOSO . 11B



AV. ÁLVARES CABRAL . 11D



RUA SANTOS BARRETO . 11A



RUA MATIAS CARDOSO . 11A



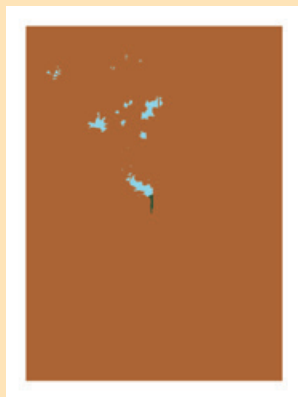
AV. ÁLVARES CABRAL . 11E



RUA COELHO DE SOUZA . 11A



RUA FELIPE DOS SANTOS . 11A



BELO HORIZONTE, SUAS SERRAS E SUAS PEDREIRAS

Alessandro Borsagli

A Serra do Curral del Rey faz parte de um importante complexo de montanhas que se estendem por cerca de 93 km na direção leste/oeste e pertencem ao Quadrilátero Ferrífero, mais precisamente à sua porção norte. Referência geográfica não só para Belo Horizonte, mas também para a região metropolitana, a Serra do Curral é um monoclinal que faz parte de uma pequena extensão de serras que se estendem desde a região de Carmo do Cajuru até as proximidades da cidade de Caeté, a oeste da Serra do Espinhaço.

A Serra do Curral é o testemunho do relevo de uma região notável pelas suas diversas orogêneses ao longo da evolução do planeta. Ao que tudo indica, a serra possuía uma elevação que ultrapassava os 4.000 metros, apresentando atualmente altitudes que atingem os 1.520 metros (Pico José Vieira). Ou seja, o que se vê atualmente é o resultado de um processo erosivo diferencial, no qual as áreas mais suscetíveis à erosão sofreram maior rebaixamento em relação às áreas mais resistentes às intempéries.

As serras do complexo que compõem a porção norte do quadrilátero se apresentam com diversas denominações regionais. Assim, de oeste para leste, encontram-se: Serras de Itatiaiuçu e Igarapé, Serra Azul, Serra dos Três Irmãos, Serra da Jangada, Serra do Rola Moça, Serra do José Vieira, Serra da Mutuca, Serra da Água Quente, Serra do Curral del Rey, Serra do Taquaril e Serra da Piedade. Essas serras são transpostas por dois rios: o rio Paraopeba, pouco abaixo da cidade de Bruma-

do, na garganta denominada Fecho do Funil, e o rio das Velhas, na altura de Sabará, onde suas águas encontram as duas porções do maciço, momentaneamente desconectadas pela sua passagem em direção às Gerais.

Conhecida e explorada desde o século XVIII, a Serra das Congonhas, primitiva denominação da Serra do Curral, era considerada o marco geográfico dos arraiais de Congonhas de Sabará e do Curral del Rey, povoados que surgiram aos seus pés nos primeiros anos do século XVIII. A serra, desde os tempos coloniais, era utilizada como ponto de referência para quem vinha dos caminhos dos Sertões para o arraial e para os outros arraiais e vilas que foram fundadas nas suas imediações. A serra não foi alvo assíduo dos mineradores que se espalharam por toda a região das Minas durante o século do ouro, salvo algumas exceções, como as concessões de lavras auríferas na Serra do Mutuca, da qual existem vários vestígios pouco estudados, e a pequena exploração que existiu na Serra do Taquaril, na segun-

da metade do século XIX. Atualmente, existem algumas minas de ferro em funcionamento no Complexo da Serra do Curral, na sua grande maioria nos municípios de Brumadinho, Itatiaiuçu e Igarapé, além das minas de ouro nos municípios de Nova Lima, Sabará e Caeté.

A Serra do Curral é basicamente composta por itabiritos e hematita, que geralmente se localizam nas partes mais altas formando e protegendo a crista da serra por serem mais resistentes ao intemperismo. Nas partes mais baixas da Serra, ocorrem a predominância de dolomitos e filitos dolomíticos, rochas mais suscetíveis ao intemperismo e responsáveis pela formação dos terraços existentes na região da Lagoa Seca, divisa entre os municípios de Belo Horizonte e Nova Lima.

O maciço delimita ainda toda a porção sul da sub-bacia do ribeirão Arrudas, onde faz o papel de interflúvio entre este e o ribeirão dos Cristais, ambos afluentes do rio das Velhas. Em contraposição à Serra do Curral, encontra-se a Serra da Contagem, que con-

forma a porção norte do vale do ribeirão Arrudas. Elas podem ser consideradas de grande importância para a história da capital mineira, uma vez que ela foi vislumbrada, concebida e construída na porção do sítio que se encontra entre as duas serras, no encontro dos ventos quentes do vale do São Francisco e dos ventos frios do Quadrilátero Ferrífero.

Nesse contexto, em meio às utopias urbanas e ao racionalismo geométrico da Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC), que se instalou no arraial de Belo Horizonte no ano de 1894, após a escolha do sítio para receber o novo centro administrativo do Estado, as serras eram não só guardiãs do líquido elemento e do frescor do qual o povoado de origem colonial era amplamente conhecido, mas também do granito, do mármore e da pedra sabão, elementos considerados imprescindíveis para materialização dos planos políticos para a construção de uma capital moderna, higiênica e eclética. Assim, a majestosa serra continha quase tudo

que a CCNC precisava para levar adiante a construção da nova capital de Minas.

Nas extremidades do perímetro delimitado e em seus arredores, encontravam-se diversas pedreiras que forneceram os materiais necessários para a construção dos edifícios, do calçamento das ruas e avenidas e para a canalização dos cursos d'água e construção das galerias de água e esgotos. Em meio ao perímetro da nova capital, a posição geográfica de cada uma delas remete as antigas torres das cidades fortificadas europeias, uma vez que, localizadas em pontos estratégicos onde o horizonte era vasto, e a paisagem, bela, serviram como marcos de referência para a delimitação do perímetro e para a elaboração das plantas geodésica e topográfica do sítio estudado.

Em meio a todo esse cenário, quando Aarão Reis apresentou a Planta no ano de 1895, pôde se compreender que o projeto dava maior importância à perspectiva da Serra do Curral, que obrigatoriamente seria vista de

toda a cidade planejada encaixada entre a serra e o vale do ribeirão Arrudas, vista ainda da zona suburbana, que buscava uma relativa harmonia entre os seus arruamentos e as curvas de nível das montanhas limítrofes ao paredão. O Morro do Cruzeiro, ponto final da Avenida Afonso Pena, figurava como a divisa entre o natural e o racional, destinado a abrigar o novo templo dedicado a Nossa Senhora da Boa Viagem, no cume da cidade e no sopé das montanhas. A cruz que aí existiu, local de peregrinação dos curralenses impossibilitados de se dirigir ao pico do Curral del Rey, marcava o início da serra, que não se resumia ao paredão monoclinial.

Entre os anos de 1895 e 1897, cinco pedreiras forneceram os materiais necessários para a construção de edifícios e infraestrutura urbana, sendo que duas delas se localizavam na Serra da Contagem. Abaixo uma breve descrição das pedreiras:

- Pedreira da Viação ou Prado Lopes: a pedreira foi adquirida pelo Banco Viação do Brasil pouco tempo

antes da escolha do arraial para sede da nova capital. Fica nas proximidades da região da Lagoinha, bem próximo ao centro da capital. O seu entorno abriga um dos aglomerados mais antigos de BH: o Aglomerado Prado Lopes, que herdou o nome de um dos seus arrendatários no período em que ainda era explorada.

- Pedreira da Lagoinha: localiza-se em frente à Pedreira Prado Lopes e atualmente abriga parte do bairro Concórdia. Aos seus pés está o campo de futebol do Pitangui.

- Pedreira da Carapuça: localizada na região leste da capital mineira, às margens da antiga estrada que ligava Belo Horizonte a Nova Lima e Sabará. Partes das suas terras estão atualmente ocupadas pelo bairro Pompeia e pelo Aglomerado São Rafael.

- Morro das Pedras: se localiza na vertente do Córrego das Piteiras, nos fundos do Hospital Madre Tereza. Sua área atualmente encontra-se ocupada pelo Aglomerado Morro das Pedras. De acordo com o Prefei-

to Christiano Machado (1926), era a pedreira de maior rentabilidade para a Prefeitura, devido à excelente qualidade das pedras para a fabricação de meios fios e paralelepípedos.

- Pedreira do Acaba Mundo: forneceu grande parte do mármore empregado no embelezamento de vários edifícios públicos e particulares da capital mineira. No início da década de 1950, passou a ser extraído o dolomito, com a finalidade de ser empregado na siderurgia. A exploração, em grande parte subterrânea, perdura até os dias atuais.

Após a inauguração da capital, ocorrida em 12 de dezembro de 1897, a Serra do Curral permaneceu praticamente intocada nas primeiras décadas do século XX, salvo a exploração da Pedreira do Acaba Mundo, as captações dos mananciais da Serra e do Cercadinho, a instalação das torres da Cia. Força e Luz nas cabeceiras do córrego da Serra, que conduziam à capital a energia gerada na Represa Rio de Pedras e as estradas que

obrigatoriamente passavam pela serra, destacando-se a velha estrada para Villa Nova de Lima, abandonada alguns anos após a inauguração da capital, devido à dificuldade da sua conservação, no trecho correspondente ao entorno do Pico Belo Horizonte.

O acentuado crescimento urbano ocorrido a partir da década de 1920 acabou comprometendo o abastecimento de água da capital, em particular na zona suburbana que abrigava cerca de setenta por cento da população belorizontina. Buscando solucionar o iminente problema, o Governo do Estado, dentro dos planos políticos do então Presidente Antônio Carlos Ribeiro de Andrada (1926-1930), deu início a inúmeras obras não só na capital, mas também por toda Minas Gerais. Na verdade, a segunda metade da década de 1920 caracterizou-se pelas inúmeras obras patrocinadas pelo Estado em Belo Horizonte, que já apresentava uma população superior a 80.000 habitantes no final de 1925.

Nesse contexto, o abastecimento de água era

considerado prioritário para a capital mineira, sendo o Complexo da Serra do Curral crucial para a melhoria do fornecimento do precioso líquido. As serras do complexo já forneciam água para a cidade desde 1897, através da captação dos córregos do Cercadinho e da Serra, e no ano de 1912, através dos córregos Capão da Posse e Clemente.

A década de 1930 trouxe, além das profundas mudanças físicas, econômicas e sociais ocorridas após a Revolução de 30, o Decreto nº 24.642 (Código de Minas), que instituiu diretrizes para a exploração minerária no Brasil. Poucos dias após o decreto, foi estabelecido pela nova Constituição que toda e qualquer exploração mineral empreendida no país, bem como pesquisas e concessões, só poderia ser realizada por empresas organizadas no Brasil e por seus cidadãos. Era o ponto de partida para a exploração em larga escala de um recurso explorado pontualmente desde as primeiras décadas do século XIX, extraído por pequenas companhias espalhadas

pela região de Itabira e pelo Quadrilátero Ferrífero.

No que tange à exploração das pedreiras localizadas no perímetro da nova capital, a extração foi sendo aos poucos descontinuada, uma vez que o tecido urbano da capital avançava em direção aos maciços graníticos da Carapuça, Prado Lopes e Lagoinha. O Morro das Pedras foi explorada por mais algum tempo e o Acaba Mundo continuava a pleno vapor. É um momento no qual a exploração foi se deslocando para áreas localizadas na bacia do ribeirão da Onça, então a área rural do município de Belo Horizonte.

Os anos seguintes à criação do Código de Minas se caracterizam pela flexibilização das leis que restringiam a participação estrangeira nas explorações minerais no país. Entre trabalhos geológicos realizados em parceria com os Estados Unidos e argumentos favoráveis à participação estrangeira na exploração e exportação mineral, tiveram início os estudos visando à exploração mineral da Serra do Curral, a partir da concessão

municipal para a perfuração de quatro túneis de pesquisa à montante da captação do córrego da Serra, próximo das suas cabeceiras. É importante ressaltar que a própria Prefeitura, detentora de grandes porções de terras ao longo da Serra do Curral, que eram altamente cobiçadas pela qualidade dos minérios de ferro, em particular a hematita compacta, que aflorava em diversos locais do maciço, já possuía planos de explorar as terras, vistas como imprescindíveis para equilibrar o eterno *deficit* financeiro do município recém-emancipado do Estado, no ano de 1947.

No ano de 1951, entrou em atividade, nas terras da exaurida pedreira do Acaba Mundo, a Mineração Lagoa Seca, de onde se extrai até a atualidade a dolomita, que supre a demanda siderúrgica no Estado, realizada atualmente de forma subterrânea. Nessa mesma década, o Complexo da Serra do Curral, cortado por velhos caminhos e por algumas estradas de rodagem, seria transposto por duas importantes rodovias federais

que conectariam Belo Horizonte e arredores com os dois principais centros econômicos da região Sudeste, a BR-3 (BH-Rio) e a BR-55 (BH-São Paulo). Era o início do desenvolvimento urbano em direção às montanhas férreas que circundam a capital mineira, proporcionado pelo *boom* rodoviário que se espalhava na mesma proporção dos veículos automotores, que passaram a fazer parte do cotidiano, dos valores e do imaginário de um país que buscava transpor o percurso natural do desenvolvimento à custa de elementos questionáveis de um pleno progresso.

Nesse ínterim, a cárstica Lagoa Seca, ou o que restava dela, visto que, desde a década de 1950, ela se encontrava dissecada pela BR-3, aos poucos desapareceu da paisagem. Sem água e sem proteção, a única lagoa natural dentro do perímetro da CCNC desapareceu nas décadas seguintes, a partir do avanço do tecido urbano para as terras da região sul. Para se ter uma ideia da sua importância, quando se construiu a represa da Pampu-

lha, no final da década de 1930, era comum passar sobre a cidade bandos de Irerês, que faziam o trajeto entre a Lagoa Seca e a represa, cena inimaginável na atualidade.

Visto o cenário favorável para a exploração mineral no Brasil, nos primeiros meses do ano de 1958 a *Hanna Mining*, que obtivera autorização para atuar no país sob o título de *Mineração Hannaco LTDA*, adquiriu em Londres as ações da *St. John del Rey Mining Co.* visando o acesso às riquíssimas minas de ferro com cerca de dois bilhões de toneladas de minério de alto teor das montanhas.

Poucos meses após a aquisição do centenário grupo inglês, foi firmado um contrato entre a Hannaco, St. John del Rey e Cia Novalimense, sendo a companhia inglesa a acionista majoritária, para a exploração mineral das jazidas pertencentes às duas últimas, que ficaria a cargo do grupo estadunidense. Após o acordo firmado, foi criada, entre o mesmo grupo a *Mineração Curral del Rey Ltda.* pertencente a St. John del Rey. Era o indício

que faltava para que o Governo do Estado solicitasse ao Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN) o tombamento da Serra do Curral.

Nesse momento, o Estado ainda reconhecia a importância da Serra do Curral para Belo Horizonte não só pela beleza cênica e paisagística, mas também cultural, histórica, hídrica e urbanística, visto que a cidade foi pensada e planejada para que se vislumbrasse o maciço de qualquer ângulo do perímetro planejado. José Francisco Bias Fortes, por meio do departamento jurídico do Estado, solicitou o tombamento da serra em nível federal, como um *bem do patrimônio artístico nacional, com sua silhueta inconfundível e bem característica, tão ligada à nossa capital*, ressaltando que o município de Belo Horizonte era o proprietário da superfície do maciço.

Entre pareceres e correspondências oficiais, no ano de 1960, o DPHAN apresentou a área a ser tombada, a qual englobava apenas a porção da serra voltada para

a capital mineira, possibilitando assim a mineração da face norte do maciço. Uma vez inscrita após análise de recursos e mudanças no perímetro de tombamento inicial, no dia 21 de setembro, no livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico do DPHAN, era teoricamente vedada qualquer modificação paisagística do maciço a partir de então.

No entanto, o sedutor teor de cerca de 70% de ferro, aflorando nas vertentes curralenses, era agora visto como um inquestionável recurso para tirar a capital da penúria financeira, sem recursos para arcar com a rápida metropolização e as suas consequências decorrentes do processo. Nesse contexto, dentro dos limites impostos pelo tombamento federal, o município criou, no dia 30 de outubro de 1961, a empresa Ferro de Belo Horizonte (Ferrobel), que se instalou nas cabeceiras do córrego da Serra, onde já eram realizadas diversas sondagens próximas à captação de água. A jazida apresentava originalmente uma extensão de 2.800 metros

contendo não só a hematita e o itabirito, mas também a dolomita, então explorada na Mina do Acaba Mundo.

A Ferrobela, de acordo com a administração municipal, foi criada para promover a industrialização do município a partir dos resultados financeiros alcançados pela exploração mineral. Um argumento curioso, visto que Belo Horizonte já havia passado pelo *surto* industrial pós-1930 e se encontrava em franca metropolização proporcionada exatamente pela consolidação da Cidade Industrial de Contagem.

O ano de 1962 iria marcar uma reviravolta na exploração mineral da Serra do Curral. O então presidente da república Jânio Quadros recebera, meses antes de sua renúncia, um relatório, que expunha as irregularidades nas concessões para exploração do minério de ferro, incluindo a lavra de Águas Claras, cuja averbação foi cancelada em 1962, a mando do ministro de Minas e Energia Gabriel Passos, que determinou a desapropriação das lavras cassadas que passaram a integrar uma

sociedade cuja União seria sócia majoritária. Nesse contexto, o então presidente da Cia Novalimense (associada da Hanna na exploração do minério de ferro), Lucas Lopes, ex-ministro da Fazenda, ex-presidente do BNDS no governo JK e um dos sócios da *Consultec*, empresa que prestava serviços à dita Companhia, telegrafou para o presidente João Goulart. O objetivo era protestar contra a cassação dos direitos minerais da Companhia, da mesma forma que havia feito o embaixador estadunidense no Brasil dias antes, Lincoln Gordon, ao visitar a capital mineira, sendo recebido pelo Governador Magalhães Pinto e por diversos segmentos da sociedade que louvavam a *aliança para o progresso*, motivo alegado para sua visita à sentinela das jazidas da discórdia

Em meio ao impasse Hanna/Cia Novalimense, que culminou com a confirmação jurídica do ato de Gabriel Passos e a busca por alternativas que viabilizassem a exploração, perante um Governo que buscava defender o patrimônio mineral do país, o município soli-

citou ao DPHAN no final de 1962 a liberação para exploração da área denominada *Mina das Mangabeiras*, não pertencente ao perímetro abrangido pelo tombamento, para a qual foi atendida positivamente, entrando a mina em funcionamento no ano de 1963, sob a gestão do prefeito Jorge Carone. O ano de 1963 pode ser considerado o ano em que se iniciou o desmonte da Serra do Curral, ao mesmo tempo que o tecido urbano da capital iniciava a subida da serra em direção às cabeceiras dos córregos das Mangabeiras e do Gentio localizadas em terras sem valor mineral.

O ano de 1964 representou uma reviravolta no caso Águas Claras, nacionalizada dois anos antes pelo Governo Federal a partir das irregularidades encontradas quando da liberação da área para exploração mineral. Após a destituição de João Goulart, a Cia Novalimense entrou com um novo recurso para reaver a licença de exploração mineral da serra. E entre mudanças e revogações no Código de Minas e acordos pré-es-

tabelecidos anteriores a 01 de abril de 1964, sucedeu a associação entre a Hanna e a Companhia Auxiliar de Empresas de Mineração para a exploração das jazidas de ferro pertencentes à primeira, ocorrida no mês de novembro de 1964. Da associação nasce a *Minerações Brasileiras Reunidas S/A* (MBR), tão conhecida dos cidadãos do Quadrilátero Ferrífero. Era o sinal verde para a instalação da mina de Águas Claras.

O enrijecimento da ditadura a partir de 1968 coincidiu com as liberações de exploração das minas pleiteadas há mais de dez anos, cabendo a Cia Novalimense a posse da jazida de Águas Claras no ano de 1970. Desse ano até o ano de 1973, quando teve início os trabalhos de exploração, foram realizadas pequenas mudanças no projeto inicial da Hanna, acordos entre a MBR e a Rede Ferroviária Federal para a construção de um ramal e o transporte do minério de ferro, mudanças de diretoria e a absorção *oficial* da Cia Novalimense pela MBR, visto que tal fato já havia ocorrido oito anos antes.

Nesse íterim, a Ferrobrel, que havia obtido a licença de lavra no ano de 1965, celebrou um contrato de venda de minérios com a MBR, comprometendo-se a pagar ao município um royalty de Cr\$ 2,00 por tonelada. O início das atividades de Águas Claras, após a conclusão do ramal férreo que ligava a mina ao Ramal do Paraopeba, na altura da estação de Ibirité, foi o ponto de partida para a retomada de uma ferrenha discussão sobre a remoção da montanha curralense.

Em poucos anos, a serra já mostrava os resultados da mutilação ferrífera, agravado pelo destombamento de parte do maciço visando à exploração mineral, visto a impossibilidade (oficialmente alegada) do conciliamento entre os interesses privados e a proteção do monumento natural. Era o ápice do autoritarismo no país, e o período ditatorial militar (1964-1985) pode ser considerado um dos períodos áureos da exploração mineral no Brasil. Empresas estrangeiras, cujos interesses haviam pareado com a política econômica pós-1964,

encontraram o caminho livre a partir das decisões unilaterais que caracterizam o período, em detrimento aos interesses coletivos e preservacionistas, no caso a proteção de monumentos naturais em um país que nunca havia dado importância à preservação de monumentos históricos, culturais e naturais. O destombamento da Serra do Curral e a complacência forçada com a destruição das áreas de interesse mineral era a consequência dos favorecimentos autoritários iniciados no ano de 1967 com o destombamento do Pico do Itabirito.

O início das atividades de Águas Claras no ano de 1974 e a rápida supressão da crista curralense acabaram por mobilizar a opinião pública de Belo Horizonte, historicamente avessa às perdas ambientais sofridas com o cenário urbano de eterna construção e de uma rápida e desenfreada expansão viária à custa da supressão do verde e das águas de uma cidade antes afamada pela sua coexistência, verdadeira floresta urbana que encantava a todos que a visitavam.

Em pouco tempo, a moldura da capital mineira, tão afamada pelos seus fundadores e construtores e guardiã das águas e dos velhos caminhos coloniais, se desfigurou perante uma cidade indefesa e indignada, que bradava nos jornais a sua repulsa, como o jornalista Xico Antunes (Diário da Tarde, 18 de fevereiro de 1974, p.4):

“Dias atrás, por acaso, olhei para a Serra do Curral, a serra da minha infância, que esteve sempre presente em minha vida e levei um susto. A serra não era a mesma, o seu rendilhado, a bela linha sinuosa e escarpada que marca o seu encontro com o azul do céu, nada mais era do que uma reta dura e insensível, insossa e sem alma. Era uma reta, uma reta terrível que, sem dúvida, poluía a beleza do horizonte, mostrando que, muito em breve, Belo Horizonte terá que mudar de nome, pois não terá mais belo horizonte. Eram as máquinas terríveis, imensas escavadeiras, transportadoras transistorizadas, caminhões e outros veículos menos votados liquidando

com a paisagem da cidade, enchendo o ar da poeira fina e venenosa do minério, poluindo, poluindo, poluindo...”

Ao mesmo tempo em que Águas Claras promoveu o rápido rebaixamento da crista da serra, a Mina das Mangabeiras teve suas atividades encerradas no ano de 1979. Com o encerramento das atividades, a PBH e o Plambel deram início aos estudos e obras necessários para a instalação do Parque das Mangabeiras, criado por decreto no ano de 1966 e considerado não só um instrumento de proteção da porção do maciço correspondente à área destruída pela MBR, mas também um espaço que incrementaria o turismo em uma capital carente de atrativos turísticos.

A inauguração do Parque das Mangabeiras no ano de 1982 marcou o enrijecimento das políticas de proteção do patrimônio da capital, dilapidado em todos os sentidos. A exploração de Águas Claras continuava a todo vapor, mas a vedação às explorações futuras no

maciço acabou por transferir o interesse mineral local para as porções mais a oeste no complexo, correspondentes aos municípios de Brumadinho, Igarapé, Itatiaiuçu e Matheus Leme, em locais que vinham sendo sistematicamente explorados desde a década de 1970, e guardiãs dos mananciais que abastecem a região metropolitana de Belo Horizonte.

Dentro dos ideais ambientalistas, que buscavam a blindagem de importantes áreas de notável diversidade, foi criado, no ano de 1988, o Parque Estadual da Baleia, visando à proteção das vertentes da serra do Curral, guardiãs das nascentes dos córregos do Navio e do Taquaril. No ano anterior, foi criado o movimento *SOS Serra do Curral*, que exigiu o tombamento do maciço em nível municipal, que mais uma vez se encontrava sob a ameaça da urbanização em suas áreas tombadas, a partir de um acordo celebrado entre a PBH e a Companhia de Desenvolvimento Urbano de Minas Gerais (CODEURB).

A Serra do Curral viria a ser tombada pelo município apenas no ano de 1990, a partir da Lei Orgânica de 21 de março, sendo delimitado no ano seguinte o perímetro de proteção junto ao alinhamento montanhoso. Nos anos seguintes, sofreu inúmeros acréscimos e alterações. É bom ressaltar que o trecho correspondente à região do Barreiro foi igualmente protegido não só pelo município, mas também pela criação do Parque Estadual da Serra do Rola Moça, berço das águas do ribeirão Arrudas e de alguns mananciais de abastecimento da RMBH.

O último grande impacto sofrido no alinhamento da serra foi à liberação da verticalização do bairro Belvedere, responsável pelo desaparecimento do perfil da serra no trecho correspondente a Lagoa Seca. Apesar das medidas protecionistas, a serra e o seu entorno se encontram em ininterrupta agressão, não só por parte de Belo Horizonte, mas também pelo município de Nova Lima que, seduzido pela grande arrecadação

de impostos e favorecimentos mais, vem permitindo a construção de arranha céus ao longo da serra, inclusive em seu paredão. Inúmeras e infrutíferas foram às tentativas de se respeitar o perímetro de proteção e mesmo em amplia-lo, entretanto, a sede insaciável dos agentes fundiários prevaleceria frente aos interesses coletivos de uma cidade que possui uma relação de amor e de desprezo com os seus elementos naturais.

E no não tão distante ano de 2003, partia, para o além-mar, o último carregamento de minério de ferro da mina de Águas Claras desativada no final de 2002, deixando a herança em forma de buracos, rejeitos e iminentes desmoronamentos às futuras gerações que habitarão o sofrido torrão de terra curralense e que certamente lamentarão os resultados da ganância de uma geração que contribuiu apenas para alimentar o consumo exacerbado e a ignorância generalizada de um povo dominado pela ambição e pelo consumismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importante e imponente, a Serra do Curral e todo o seu complexo, guardiãs das riquezas minerais do Quadrilátero Ferrífero e das melhores reservas de ferro do planeta, repousou por milhões de anos livre da ação antropogênica, que em pouco tempo alterou parcialmente a sua insistente beleza. Danos que as intempéries do ambiente, dentro do processo natural de evolução geológica do planeta, levariam alguns milhares de anos para realizar de forma menos agressiva.

A sua beleza cênica e a importância ambiental e simbólica para a região e para o próprio arraial nascido, consolidado e arrasado aos seus pés, levou a Comissão Construtora a valorizar o maciço e os seus arredores, como um importante marco referencial da paisagem, figurando como o limite da cidade planejada e fornecendo rochas e minerais que embelezaram e construíram a nova capital de Minas Gerais.

O que a CCNC compreendeu e tratou de emoldurar o espaço urbano, acabou por se perder ao longo das décadas de acentuado crescimento urbano e das mudanças políticas e econômicas no cenário nacional e mesmo mundial. Os valiosíssimos depósitos de ferro do quadrilátero passaram a ser cobiçados pelas grandes potências mundiais, e da mesma forma que o ouro mineiro foi à base do capital necessário para a Revolução Industrial na imperial Inglaterra dos séculos XVIII e XIX, o ferro alimentou a cobiça imperial armamentista do hemisfério norte na segunda metade do século XX com a exploração mineral no Quadrilátero que afetou diretamente o perfil do maciço curralense.

De fato, até o final da década de 1970, a grande maioria das administrações municipais e estaduais travou uma guerra aos elementos naturais: a natureza era vista como um meio que deveria fornecer recursos para o desenvolvimento das sociedades humanas, cedendo espaço para a materialização das grandiosidades da ci-

vilização. A promoção do afastamento do meio no qual a humanidade faz parte contribuiu para a visão deturpada que ainda existe nas sociedades atuais, onde a expansão horizontal e vertical dos centros urbanos, sendo Belo Horizonte um exemplo clássico, acabou por gerar lucros fabulosos para poucos e problemas decorrentes do mau planejamento para muitos. Nesse contexto, as pedreiras localizadas na Serra do Curral e dentro do perímetro delimitado para a nova capital, desativadas no decorrer do século XX (exceção feita à exploração do Acaba Mundo), desapareceram em meio ao tecido urbano, sendo quase impossível identificá-las na paisagem urbana sucessivamente modificada e adaptada pela cidade e pelas sociedades urbanas.

O reconhecimento da proteção federal pelo município, na década de 1970, e o posterior tombamento a nível municipal, nas décadas seguintes, a partir da mudança da consciência ambiental e patrimonial, asseguraram a preservação do perfil e das vertentes do maciço,

responsáveis há mais de cem anos pelo abastecimento das cidades surgidas ao longo do complexo. No entanto, devido à fragilidade da área protegida, atingida pela especulação imobiliária, exploração mineral e degradação ambiental, a delimitação de um perímetro de entorno publicado pelo IPHAN, sob a Portaria 198, em maio de 2016, figura como uma resistência perante a expansão do tecido urbano dos municípios de Belo Horizonte e Nova Lima.

Enfim, resistindo à degradação e às agressões diversas de uma cidade que, em meio à grandiosidade metropolitana, rompeu com os seus elementos naturais, a Serra do Curral del Rey, guardiã do *belo horizonte*, memória viva da existência e sentinela da vida agitada dos curralenses do século XXI, é a identidade viva de uma cidade em eterna construção.



Alessandro Borsagli é mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG) e autor de diversos livros sobre a Geografia Histórica de Belo Horizonte.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Rogério Pereira de; WESTIN, Vera Lúcia Costa. *A serra e a cidade*. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura, 1998.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: SATERB, 1971.

BARRETO, Abílio. *Belo Horizonte, memória histórica e descritiva; história média*. v.2. Belo Horizonte: FJP/ Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996.

BATISTA, Cláudia Paiva. *Transformações e permanências na paisagem da Serra do Curral*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Geografia, Belo Horizonte, 2004.

BELO HORIZONTE. *Coleção Relatórios dos Prefeitos 1899-2000*. Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

BORSAGLI, Alessandro. *Belo Horizonte em pedaços: fragmentos de uma cidade em eterna construção*. Belo Horizonte: Clube de Autores, 2016.

_____. *Rios invisíveis da metrópole mineira*. Belo Horizonte, Clube de Autores, 2016.

_____. *Sob a sombra do Curral del Rey: contribuições para a história de Belo Horizonte*. Belo Horizonte, Clube de Autores, 2017.

BRASIL. IPHAN. *Livro do Tombo* v. 28, 1960.

BURTON, Richard. Francis. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1976.

FERRAZ, S. C. *“Triste Horizonte”*: *Movimentos em defesa da Serra do Curral – Belo Horizonte, década de 1970*. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2008.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/Centro de Estudos Históricos e Culturais. *Panorama de Belo Horizonte; Atlas Histórico*, Belo Horizonte, 1997.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. 39ª

ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

MATA MACHADO, Bernardo Novais. *O caso Hanna/MBR: cronologia de uma investigação*. Disponibilizado pelo próprio Autor, 2003.

MINAS GERAES. Comissão d’Estudo das Localidades Indicadas para a nova Capital. *Relatorio apresentado a S. Ex. Sr. Dr. Affonso Penna, Presidente do Estado, pelo engenheiro civil Aarão Reis*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893b.

PENNA, Octávio. *Notas Cronológicas de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997.*

PEREIRA, Osny. Duarte. *Ferro e Independência*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.

PLAMBEL. *Programa metropolitano de parques urbanos: parque das Mangabeiras, relatório preliminar*. Belo Horizonte: Plambel, 1979.

AINDA QUE DURA

Concepção, Pesquisa e Realização

ARUAN MATTOS

FLAVIA REGALDO

Assistentes de Produção

KAROLINE MELO

SARA CURA

LIVRO AINDA QUE DURA - VOLUME 1

Vistas

ARUAN MATTOS

FLAVIA REGALDO

Textos

ALESSANDRO BORSAGLI

ELISA MARQUES

Revisão dos Textos

LUCAS MORAIS

Coordenação Editorial,

Projeto Gráfico e Diagramação

ARUAN MATTOS

MAQUINASINUTEIS.ORG

Este projeto foi realizado com recursos da
Lei Municipal de Incentivo à Cultura de
Belo Horizonte

INCENTIVO

LMIC

LEI MUNICIPAL DE
INCENTIVO À CULTURA

CULTURA



PREFEITURA
BELO HORIZONTE

GOVERNANDO PARA BEM PRECISAR

0549/2017

the 1990s, the number of people in the UK who are employed in the public sector has increased from 10.5 million to 12.5 million (12.5% of the population).

There are a number of reasons for this increase. One is that the public sector has become a more important part of the economy. Another is that the public sector has become more efficient. A third is that the public sector has become more attractive to workers. A fourth is that the public sector has become more diverse.

The public sector has become a more important part of the economy. In 1990, the public sector accounted for 10.5% of the UK's GDP. By 2000, it had increased to 12.5%.

The public sector has become more efficient. In 1990, the public sector's productivity was 80% of the private sector's. By 2000, it had increased to 90%.

The public sector has become more attractive to workers. In 1990, the public sector's wage premium was 10%. By 2000, it had increased to 15%.

The public sector has become more diverse. In 1990, the public sector was 80% male and 20% female. By 2000, it had become 70% male and 30% female.

The public sector has become more diverse. In 1990, the public sector was 80% white and 20% non-white. By 2000, it had become 70% white and 30% non-white.

The public sector has become more diverse. In 1990, the public sector was 80% young and 20% old. By 2000, it had become 70% young and 30% old.

The public sector has become more diverse. In 1990, the public sector was 80% high skilled and 20% low skilled. By 2000, it had become 70% high skilled and 30% low skilled.

The public sector has become more diverse. In 1990, the public sector was 80% high income and 20% low income. By 2000, it had become 70% high income and 30% low income.

The public sector has become more diverse. In 1990, the public sector was 80% high education and 20% low education. By 2000, it had become 70% high education and 30% low education.

The public sector has become more diverse. In 1990, the public sector was 80% high health and 20% low health. By 2000, it had become 70% high health and 30% low health.

The public sector has become more diverse. In 1990, the public sector was 80% high wealth and 20% low wealth. By 2000, it had become 70% high wealth and 30% low wealth.

The public sector has become more diverse. In 1990, the public sector was 80% high status and 20% low status. By 2000, it had become 70% high status and 30% low status.

The public sector has become more diverse. In 1990, the public sector was 80% high power and 20% low power. By 2000, it had become 70% high power and 30% low power.

The public sector has become more diverse. In 1990, the public sector was 80% high influence and 20% low influence. By 2000, it had become 70% high influence and 30% low influence.

The public sector has become more diverse. In 1990, the public sector was 80% high respect and 20% low respect. By 2000, it had become 70% high respect and 30% low respect.

The public sector has become more diverse. In 1990, the public sector was 80% high admiration and 20% low admiration. By 2000, it had become 70% high admiration and 30% low admiration.

The public sector has become more diverse. In 1990, the public sector was 80% high awe and 20% low awe. By 2000, it had become 70% high awe and 30% low awe.

The public sector has become more diverse. In 1990, the public sector was 80% high fear and 20% low fear. By 2000, it had become 70% high fear and 30% low fear.

The public sector has become more diverse. In 1990, the public sector was 80% high anger and 20% low anger. By 2000, it had become 70% high anger and 30% low anger.

The public sector has become more diverse. In 1990, the public sector was 80% high disgust and 20% low disgust. By 2000, it had become 70% high disgust and 30% low disgust.

The public sector has become more diverse. In 1990, the public sector was 80% high contempt and 20% low contempt. By 2000, it had become 70% high contempt and 30% low contempt.

The public sector has become more diverse. In 1990, the public sector was 80% high scorn and 20% low scorn. By 2000, it had become 70% high scorn and 30% low scorn.

The public sector has become more diverse. In 1990, the public sector was 80% high disdain and 20% low disdain. By 2000, it had become 70% high disdain and 30% low disdain.